

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO**  
**Escola de Sociologia e Política de São Paulo**  
Biblioteconomia e Ciência da Informação

Iara Vasconcelos Braz

Mapeando as origens do acervo: panorama de ex-líbris do acervo digital da  
Biblioteca Brasileira USP

São Paulo

2022

Iara Vasconcelos Braz

Mapeando as origens do acervo: panorama de ex-líbris do acervo digital da  
Biblioteca Brasileira USP

Monografia apresentada à Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação, sob a orientação do professor especialista Winderson Jesus Gomes.

São Paulo

2022

Catálogo-na-Publicação (CIP)

097

B827p Braz, Iara Vasconcelos.

Mapeando as origens do acervo: panorama de ex-líbris do acervo digital da Biblioteca Brasileira USP / Iara Vasconcelos Braz. – 2022.  
110 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Esp. Winderson Jesus Gomes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Ciência da Informação) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

1. Ex-líbris. 2. Marcas de proveniência bibliográfica. 3. Obras raras. 4. Coleção especial. 5. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. I. Gomes, Winderson Jesus. II. Título.

CDD 23.

Iara Vasconcelos Braz

Mapeando as origens do acervo: panorama de ex-líbris do acervo digital da Biblioteca  
Brasileira USP

Monografia apresentada à Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação, sob a orientação do professor especialista Winderson Jesus Gomes.

Data de aprovação:

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Banca examinadora:

\_\_\_\_\_.

Angela Halen Claro Franco, Doutora,  
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

\_\_\_\_\_.

José Mário de Oliveira Mendes, Mestre,  
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu companheiro por sempre incentivar os meus estudos e por ter dado o apoio necessário para que eu concluísse esta graduação. Aos meus colegas de trabalho, pelo incentivo e apoio. Aos meus colegas da faculdade, pelas partilhas, empatia e auxílio durante o curso. Aos professores do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da FESPSP, pelo conhecimento compartilhado e dedicação. Agradeço às professoras Mercês Apóstolo e Isabel Maringelli pelos direcionamentos iniciais desta pesquisa. Aos professores Angela Franco e José Mário Mendes, por terem aceitado o convite para compor a banca examinadora, pela leitura atenta do trabalho e considerações pertinentes. À professora Angela Franco, agradeço especialmente pela condução desta etapa final, pelo apoio e ensinamentos sobre a pesquisa acadêmica. À professora Valéria Valls, agradeço por ter estado presente em todos os momentos do curso, na condição de coordenadora, pelos conselhos assertivos e apoio fundamental. Ao professor Winderson Gomes, agradeço pelo acolhimento da proposta deste trabalho, pelo apoio e suporte necessário durante todo o processo de orientação, bem como pelos importantes direcionamentos.

“O ideal do bibliógrafo seria obrigar cada volume a contar sua própria história”  
(RICCI, 1930, p. 3, tradução nossa)

## RESUMO

Considerando a importância de uma biblioteca detentora de uma coleção especial de obras raras conhecer a história da formação do seu acervo por meio das marcas de proveniência existentes nos exemplares, possibilitando pesquisas sobre as formas de uso do livro, aspectos culturais e sociais da época em que foram produzidas, além de estabelecer conexões com outros acervos, objetiva-se apresentar os ex-líbris dos livros da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo que foram digitalizados e estão disponíveis no acervo digital da instituição. Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica visando aprofundar a compreensão teórica do tema, bem como uma pesquisa documental por meio de coleta de dados na referida biblioteca digital. Foi feito o levantamento desses ex-líbris, considerando uma amostragem de 500 livros publicados no período de 1521 até 1900, a fim de se ter um panorama do que existe no acervo digital, bem como foi verificada a existência da referência sobre as marcas nos respectivos dados do catálogo. Desse modo, foram encontrados 496 ex-líbris no total, de 43 propriedades distintas. Por outro lado, em 111 livros consultados, não havia a marca de propriedade e, em apenas 18 registros do catálogo, havia a indicação da existência do ex-líbris no livro digitalizado. Tal resultado indicou a necessidade de inserir no catálogo as informações relativas à proveniência, a exemplo de outras instituições, para uma melhor gestão e difusão da coleção. Concluiu-se que, com o levantamento, foi possível resgatar uma variedade de ex-líbris do acervo, que propicia a realização de muitas pesquisas a partir deles, e de ações culturais na própria biblioteca com o uso das marcas.

Palavras-chave: ex-líbris; marcas de proveniência bibliográfica; obras raras; coleção especial; Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

## ABSTRACT

Considering the importance of a library holding a special collection of rare books, to know the history of the formation of its collection through the provenance marks existing in the copies, enabling research about forms of use of the books, cultural and social aspects of the period in which they were produced, establishing connections with other collections, the objective of this work is to present the bookplates of the Brasiliana Guita e José Mindlin Library's books, of the University of São Paulo that have been digitized and are available in the institution's digital collection. For this, a bibliographical research was carried out to deepen the theoretical understanding of the theme, as well as a documentary research through data collection in the aforementioned digital library was held. These bookplates were also surveyed, considering a sampling of 500 books published from 1521 to 1900, in order to have an overview of what exists in the digital collection, verifying the existence of the reference on trade marks in their catalogue data. Thus, 496 bookplates were found of 43 distinct properties. On the other hand, in 111 books consulted, there was no property brand and in only 18 records of the catalog there was an indication of the existence of the bookplate in the digitized book. This result indicated the need to include in the catalogue information about the provenance of the copies, like other institutions, to improve the management and dissemination of the collection. It can be seen that, with the survey, it was possible to rescue a variety of bookplates from the collection which provides the realization of many researches from them and cultural actions in the library with the use of the property brand.

Keywords: bookplate; provenance marks; rare book; special collection; Brasiliana Guita e José Mindlin Library.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Objetivo geral .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>Objetivos específicos .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>A BIBLIOTECONOMIA DE LIVROS RAROS .....</b>	<b>17</b>
<b>4.1</b>	<b>Os conceitos de coleção especial e livro raro .....</b>	<b>20</b>
<b>4.2</b>	<b>A questão da raridade bibliográfica .....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>30</b>
<b>5.1</b>	<b>A descrição da materialidade do livro .....</b>	<b>33</b>
<b>6</b>	<b>OS EX-LÍBRIS .....</b>	<b>37</b>
<b>6.1</b>	<b>História .....</b>	<b>40</b>
<b>6.1.1</b>	<b>Os Ex-líbris no Brasil .....</b>	<b>45</b>
<b>6.2</b>	<b>Características .....</b>	<b>48</b>
<b>7</b>	<b>A BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN .....</b>	<b>53</b>
<b>7.1</b>	<b>Coleção Brasileira .....</b>	<b>55</b>
<b>7.2</b>	<b>O acervo físico .....</b>	<b>56</b>
<b>7.3</b>	<b>O tratamento técnico do acervo .....</b>	<b>59</b>
<b>7.4</b>	<b>O acervo digital .....</b>	<b>60</b>
<b>8</b>	<b>PANORAMA DE EX-LÍBRIS DA BBM DIGITAL .....</b>	<b>63</b>
<b>8.1</b>	<b>Considerações sobre os ex-líbris encontrados .....</b>	<b>64</b>
<b>8.1.1</b>	<b>José Mindlin .....</b>	<b>68</b>
<b>8.1.2</b>	<b>Rubens Borba de Moraes .....</b>	<b>70</b>
<b>8.2</b>	<b>Dos anos 1521 a 1599 .....</b>	<b>71</b>
<b>8.3</b>	<b>Dos anos 1600 a 1699 .....</b>	<b>72</b>
<b>8.4</b>	<b>Dos anos 1700 a 1799 .....</b>	<b>76</b>

<b>8.5</b>	<b>Dos anos 1800 a 1899 .....</b>	<b>79</b>
<b>8.6</b>	<b>Ano de 1900 .....</b>	<b>84</b>
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>86</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>
	<b>APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DE EX-LÍBRIS DA BBM DIGITAL .....</b>	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ex-líbris é uma marca de proveniência bibliográfica conhecida desde o século XV. No Brasil, esteve em voga até por volta de 1960, prática que aos poucos vem ressurgindo. Esses pequenos pedaços de papel, geralmente colados na guarda do livro, podem estar relacionados não só a coleções particulares e bibliófilos, mas a instituições, que colocam as marcas para identificar o seu acervo. Além de traduzir as predileções de seus detentores por meio de ilustrações interessantes e divisas especialmente escolhidas, são fundamentais para que se conheça uma outra história do livro, a da sua proveniência, e, conseqüentemente, a história da formação do acervo da instituição.

As bibliotecas, sejam elas institucionais ou privadas, são locais que preservam preciosos registros do passado e em suas coleções estão presentes diversas marcas de proveniência que indicam os percursos de um livro e dão pistas de como o acervo foi constituído. São nesses espaços que uma grande variedade de ex-líbris pode ser encontrada.

A Biblioteconomia de livros raros é uma especialidade voltada para o estudo de livros raros no âmbito das coleções especiais e isso inclui as marcas de proveniência bibliográfica. Conhecer a diversidade dessas marcas em um acervo contribui para o desenvolvimento de estratégias de utilização delas em ações que visem a divulgação da própria biblioteca, além de possibilitar estudos diversos.

Além disso, a presença das referidas marcas poderá ser relevante para alguma pesquisa corrente, devendo constar nos registros do catálogo, pois são passíveis de análises diversas. Além de permitirem conhecer os antigos detentores de um livro e o trajeto percorrido por este até o acervo atual, as marcas possibilitam estudos das formas de uso, costumes, contextos culturais e sociais da época em foram produzidas, bem como estabelecem conexões com outros acervos e individualizam o exemplar.

O objeto desta pesquisa são os ex-líbris presentes nos livros da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) que foram digitalizados e estão disponíveis no acervo digital da instituição. Como problema de pesquisa, temos a seguinte questão: diante da necessidade de as bibliotecas mapearem as marcas de proveniência dos exemplares de suas coleções, quais ex-líbris estão disponíveis nos livros digitalizados da BBM Digital? Em virtude de o trabalho ter uma natureza exploratória, como será melhor explanado no capítulo 3, não há uma hipótese a ser apresentada.

Devido ao curto período para a realização desta pesquisa, questões referentes aos ex-líbris do acervo, no que se referem à identificação do proprietário, técnica utilizada para a impressão, ilustração e lema escolhido, além de possíveis correlações com outros acervos, não serão aprofundadas, o que poderá ser retomado futuramente.

O desenvolvimento da pesquisa é relevante por ser um assunto ainda pouco explorado no Brasil. Em outros países, as marcas de proveniência são bastante estudadas por instituições de referência no campo do patrimônio histórico e cultural, que abrigam coleções especiais de livros raros. É importante que as instituições conheçam mais sobre a história do seu acervo por meio dessas marcas, como forma de buscar a preservação da memória bibliográfica, uma vez que as histórias podem ser perdidas dependendo de decisões institucionais equivocadas.

O interesse pelo tema de pesquisa se deu especialmente no âmbito pessoal, em virtude de considerarmos as questões relacionadas ao patrimônio bibliográfico e documental muito relevantes, bem como por estarmos ligados profissionalmente a instituições que preservam coleções preciosas.

A pesquisa foi iniciada em um contexto de pandemia, quando a biblioteca se encontrava fechada. Com a reabertura do prédio em março de 2022, tomamos a decisão de manter a pesquisa com o acervo digital pela facilidade de acesso aos dados, uma vez que eles podem representar uma tendência de ocorrências que também esteja presente no acervo físico não digitalizado.

O trabalho será apresentado em cinco capítulos. No primeiro deles, serão feitas considerações sobre a Biblioteconomia de livros raros, uma vez que o estudo do ex-líbris está muito relacionado às práticas desta especialidade. Serão apresentadas as definições de coleções especiais e livros raros, e a questão da definição dos critérios de raridade bibliográfica. No segundo capítulo, serão abordados aspectos relacionados às marcas de proveniência bibliográfica e à materialidade do livro. No terceiro capítulo, será apresentado um percurso histórico dos ex-líbris e explanado sobre a prática de uso e principais características. No quarto capítulo, será apresentada a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e seu acervo. Por fim, o quinto capítulo tratará do levantamento de dados feito na BBM Digital, visando a identificação de alguns ex-líbris do acervo.

## **2 OBJETIVOS**

Os objetivos desta pesquisa serão mencionados a seguir.

### **2.1 Objetivo geral**

Apresentar um panorama de ex-líbris presentes nos livros digitalizados da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin que estão disponíveis no acervo digital da instituição.

### **2.2 Objetivos específicos**

Como objetivos específicos, temos:

- a) Apresentar os principais aspectos da Biblioteconomia de livros raros e de elementos que a compõe, como as marcas de proveniência bibliográfica;
- b) Traçar um percurso histórico dos ex-líbris, sua prática de uso e principais características;
- c) Apresentar a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin;
- d) Identificar alguns ex-líbris presentes em livros da BBM Digital, por período de publicação, fazendo considerações sobre as ocorrências, além de verificar a existência da informação que indique a presença das marcas nos dados do catálogo.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho acadêmico.

A pesquisa, segundo a finalidade, caracteriza-se como básica estratégica, que, conforme Gil (2018, p. 25), é voltada “[...] à aquisição de novos conhecimentos direcionados a amplas áreas com vistas à solução de reconhecidos problemas práticos”. Está inserida na grande área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, estabelecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) (GIL, 2018).

Por meio de uma pesquisa exploratória, que tem “[...] como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2018, p. 26), foram investigados aspectos sobre os ex-líbris, de forma a se obter uma visão geral sobre o tema proposto.

A coleta de dados se deu por meio de pesquisa bibliográfica e documental (GIL, 2018) em fontes primárias, secundárias e terciárias (BAGGIO; COSTA; BLATTMANN, 2016), especialmente no idioma português, mas considerou-se outros idiomas. As fontes primárias foram buscadas principalmente em periódicos, teses e dissertações; as secundárias, em base de dados, livros, dicionários e sítios eletrônicos; as terciárias, em anais e catálogos de exposições.

A pesquisa bibliográfica foi baseada em material já publicado, especialmente em livros, artigos científicos, teses, dissertações e vídeos, ao tempo que a pesquisa documental foi baseada em catálogos de bibliotecas (GIL, 2018) e nos dados disponíveis no acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Como a pesquisa foi iniciada em um contexto de pandemia, foi dada preferência a materiais disponibilizados em meio eletrônico e livros próprios.

Para subsidiar o capítulo *A Biblioteconomia de livros raros*, foram consultados capítulos de livro, artigos científicos e materiais de eventos, sobretudo, dos autores: Ana Virgínia Pinheiro, Márcia Carvalho Rodrigues, Váleria Gauz e Rizio Bruno Sant’Ana, além de material do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR) da Biblioteca Nacional. Para o capítulo *As marcas de proveniência bibliográfica*, foram consultados artigos científicos e livros. Já para o capítulo *Os ex-líbris*, foram consultados os livros de Manuel Esteves, Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo, Plínio Martins Filho, entre outros nacionais, além de artigos científicos,

vídeos e catálogos relacionados ao tema. Sobre o capítulo referente à *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin* foram consultados trabalhos acadêmicos, artigos, além de informações constantes no site da instituição. Por fim, para o *Panorama de ex-líbris da BBM Digital*, foram utilizados artigos científicos, bem como foi feito um levantamento de dados, por amostragem, no sítio digital da instituição.

Os principais textos em língua estrangeira utilizados neste trabalho foram dos autores Colette Leung e David Pearson, além dos disponibilizados pelas instituições: American Library Association (ALA), International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) e University of Glasgow.

Foi dada preferência por artigos científicos e livros produzidos a partir dos anos 2000, quando se observa um aumento na produção acadêmica brasileira referente à temática, mas devido a essa produção não ser tão vasta, considerou-se referências mais antigas. A pesquisa foi feita a partir do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Portal de Busca Integrada da Universidade de São Paulo, do catálogo da Biblioteca da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), e de livros próprios.

Com relação aos artigos científicos, deu-se preferência por periódicos com classificações mais altas no Qualis Capes.

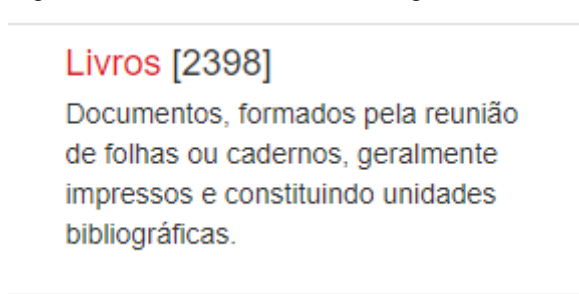
A pesquisa possui abordagem quali-quantitativa. Conforme Gil (2018, p. 39-40), “nas pesquisas quantitativas os resultados são apresentados em termos numéricos e, nas qualitativas, mediante descrições verbais [...]”. Os artigos científicos, livros, material de eventos, vídeos e catálogos foram analisados de forma qualitativa, baseada em caráter subjetivo. Já os dados coletados na BBM Digital foram analisados de forma quali-quantitativa. O caráter subjetivo conferido à pesquisa, no que diz respeito à análise qualitativa, foi baseado em julgamento e interpretação nossos, a partir do material consultado.

Foi feito um levantamento dos ex-líbris existentes no acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, em planilha, considerando uma amostragem de 500 livros publicados no período de 1521 até 1900, a fim de se ter um panorama do que existe no referido acervo, bem como verificar a existência da indicação das referidas marcas nos dados do catálogo. Considerou-se a data limite de 1900 para ir ao encontro da definição de Brasileira dada por Rubens Borba de Moraes, que considera livros sobre o Brasil do século XV até o final do século XVIII, incluindo o ano de 1900.

O levantamento foi iniciado em março de 2021, quando a pesquisa foi pausada, sendo retomado somente no segundo semestre de 2022, com conclusão em outubro de 2022.

O procedimento realizado para o levantamento foi o seguinte: na página inicial da biblioteca digital, no item “coleções”, a opção “livros” foi selecionada. Segundo o site, a opção corresponde a 2.398 itens digitalizados (Figura 1).

Figura 1 – Quantidade de livros digitalizados na BBM Digital



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Com o resultado em tela, o passo seguinte foi considerar a busca por ano de publicação. Apesar de constar a informação de que havia 2.398 livros digitalizados, a contagem de itens feita somou apenas 2.092 itens disponíveis para acesso (Figura 2). O motivo da discrepância não foi possível ser averiguado, mas uma hipótese é de que isso ocorre em virtude de alguns livros não possuírem uma data exata de publicação, sendo indicado no momento da catalogação uma data aproximada, com uso de colchetes, o que pode dificultar o resultado de busca.

Figura 2 – Consulta dos livros por ano de publicação

Data de Publicação	
2000 - 2007	1
1900 - 1999	490
1800 - 1899	1403
1700 - 1799	106
1600 - 1699	80
1521 - 1599	12

Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Dos 2.092 itens apresentados como resultado, foi feita a consulta de uma amostragem de 500 livros, por período, considerando os primeiros resultados da opção de ordenação dos registros por relevância, em ordem decedente, para que os mais relevantes aparecessem primeiro. A quantidade de itens digitais avaliados por período foi a seguinte (Quadro1):

Quadro 1 - Amostragem de livros consultados por período

Data de publicação	Número de itens considerados
1521 - 1599	12
1600 - 1699	80
1700 - 1799	106
1800 - 1899	282
1900	20
TOTAL	500

Fonte: Elaborado pela autora.

A conferência sobre a presença de ex-líbris foi feita nas primeiras e nas últimas páginas de cada livro digitalizado e a verificação sobre a indicação da existência das marcas nos dados do catálogo foi feita, sobretudo, por meio da leitura dos referidos dados, especialmente o que constava no campo *nota local*, onde observamos que as informações relativas à materialidade dos livros eram descritas.

## 4 A BIBLIOTECONOMIA DE LIVROS RAROS

Neste capítulo, será abordada a Biblioteconomia de livros raros, parte do entendimento para o estudo dos ex-líbris. Nesta pesquisa será dada ênfase ao ex-líbris como marca de propriedade presente no livro, pois sabe-se que ele também pode ser tratado de forma isolada, como artigo de colecionismo independente do livro. Faz-se necessário, portanto, mencionar alguns aspectos da Biblioteconomia de livros raros, já que a presença da marca de propriedade pode ser considerada um critério de raridade, como será explanado adiante.

A Biblioteconomia de livros raros é uma especialidade da Biblioteconomia voltada especificamente para o estudo de livros raros no âmbito das coleções especiais. Pinheiro (2019, p. 6) a define como “uma especialidade da Biblioteconomia, que reconhece no livro antigo o sentido de monumento, de testemunho da própria e de outras histórias”. Destacamos que o termo “monumento” não se refere apenas ao patrimônio construído, mas se estende também aos acervos bibliográficos (GAUZ, 2015).

Assim, sob a ótica da Biblioteconomia de livros raros, o livro raro é visto como patrimônio, levando-se em consideração aspectos de sua materialidade que o tornam verdadeiras obras de arte, indo muito além de seu conteúdo, o que é muito apreciado no colecionismo (Figura 3).

Figura 3 - Codex Aureus de St. Emmeram



Fonte: Codex Aureus Sankt Emmeram (Wikimedia Commons, 2021, sem paginação).

Segundo Rodrigues (2011, sem paginação), os “colecionadores de livros raros escolhem suas obras em função, principalmente, da caracterização do livro enquanto objeto”. A autora cita exemplos dessa caracterização, destacando as encadernações de luxo (Figura 3), a presença de gravuras preciosas, a presença de anotações manuscritas de pessoas ilustres, tiragens especiais etc. (RODRIGUES, 2011).

Rodrigues (2011) ainda complementa, indicando que o livro, como representação da cultura e do conhecimento, “[...] assume características que vão além de sua finalidade inicial – a de servir de suporte às ideias, passando a simbolizar o conhecimento em si, sendo objeto de status e poder, agregando características que o tornam também objeto de apreciação” (RODRIGUES, 2011, sem paginação). Por tudo o que representa, o valor do livro “[...] ultrapassa o seu suporte físico. A sua importância, que também é simbólica e imaterial, está no seu impacto para o desenvolvimento da sociedade nas mais diversas áreas do conhecimento” (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2020, p. 2). Ainda sobre o assunto, afirma-se que:

[...] um livro antigo carrega em si mesmo as marcas da sua forma de produção artesanal, servindo como um documento representativo dos processos utilizados na época para a transmissão de informações. Assim, a própria estrutura do livro (sua forma de encadernação, tipo de papel usado, ilustrações, etc.) é uma rica fonte de informações sobre o modo de se pensar a cultura de um determinado período da história, levando à conclusão de que todas as obras publicadas de forma artesanal devem ser preservadas como raras. (SANT’ANA, 2001, p. 6)

A Biblioteconomia de livros raros surge em um período de alta efervescência na produção do livro impresso, o Renascimento Europeu, quando muitos autores escreveram sobre as práticas da biblioteconomia em acervos de memória, cujas obras são ainda hoje referenciais da área (PINHEIRO, 2015). Há séculos, o livro impresso é um importante instrumento de registro e transmissão de conhecimento na sociedade, possibilitando que o leitor adentre a época em que foi escrito, seja por meio de sua leitura, seja por meio da contemplação de seu suporte, que traz aspectos específicos de determinado período. (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2020). Verifica-se, desse modo, que, no final da Idade Média, já havia a preocupação em preservar os registros do passado. Foi necessário haver uma gestão das coleções existentes e estabelecer formas de trabalho que possibilitassem a preservação dos itens e, em virtude desses cuidados, os livros centenários chegaram aos dias atuais.

Com relação à formação do patrimônio bibliográfico europeu, primeiro objeto da Biblioteconomia de livros raros, Gauz (2015, p. 76-78) explica que foi constituído a partir de “[...] acervos reais, de ricas coleções privadas e da extinção das bibliotecas monásticas [...]”, sobretudo, por meio de confiscos eclesiásticos e de particulares. A autora aponta que, de forma similar, o Brasil também teve seu patrimônio bibliográfico formado a partir de acervos religiosos e de particulares (GAUZ, 2015, p. 76-78), o que é melhor explicitado por Moraes (2006 *apud* Gauz, 2015) abaixo:

[...] até o século XVIII, o único ensino no país era o religioso (com ótimas bibliotecas) [...]. Como na Europa, os confiscos também ocorreram no Brasil, com a expulsão dos jesuítas por ordem do Marquês de Pombal, em meados do século XVIII. Muito foi roubado, vendido ou destruído por insetos. Restou muito pouco, somado ao reduzido número de bibliotecas particulares. (MORAES, 2006 *apud* GAUZ, 2015, p. 78).

Gauz (2015) assinala, ainda, que a vinda da família real portuguesa para o Brasil, e, conseqüentemente, a criação da Imprensa Régia por esta, possibilitou a entrada da maior coleção rara e antiga no país, assim como o início do estabelecimento de uma produção editorial nacional.

Para além das obras raras, os livros dizem muito sobre a história das instituições. O próprio acervo conta uma história a partir dos livros que o compõem que transcende as fontes de informação. A partir de uma maior conscientização em relação à importância de preservar esses itens, alguns programas foram criados.

A partir de 1992, o Programa Memória do Mundo, instituído pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), passou a promover ações de preservação e acesso ao patrimônio bibliográfico e documental no mundo. Com a valorização crescente dos acervos raros, as instituições passaram a ter maiores responsabilidades.

[...] Recai sobre as instituições depositárias a responsabilidade de identificar seu próprio patrimônio, tendo em vista que no âmbito da Ciência da Informação é indispensável conhecer e identificar, para que se possa proteger e disseminar esse patrimônio, essas coleções. (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2020, p. 5)

O referido programa possui um Comitê específico no Brasil e tem o Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, como endereço. Observa-se, no entanto, que o programa, no país, em virtude de decisão política, se encontra estagnado desde 2019,

conforma aponta o seu sítio eletrônico. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, [200-]).

Cabe destacar os esforços da Biblioteca Nacional para identificar as obras raras existentes nos acervos brasileiros e prestar a orientação necessária às instituições custodiadoras quanto à organização e divulgação desses acervos, por meio do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR). Criado em 1983, o PLANOR presta assessoria técnica voltada à gestão de acervos raros e realiza visitas técnicas nas instituições com elaboração de parecer técnico sobre cada acervo, além da promoção de cursos e eventos, e do gerenciamento do Catálogo do Patrimônio Bibliográfico Nacional (CPBN) (BIBLIOTECA NACIONAL, 2006).

A criação do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras – Planor (BRASIL, 1983) criou perspectivas de solução para o estado da arte de acervos bibliográficos antigos em todo o país, como o treinamento de pessoal e a divulgação de métodos e técnicas pertinentes, em vistas da compilação de um repertório nacional de raridades bibliográficas, da salvaguarda dos originais repertoriados e do oferecimento de seu conteúdo, em microfilme, na Biblioteca Nacional brasileira. (PINHEIRO, 2003a, p. 11)

Apesar de existir há muitos séculos, Rodrigues, Vian e Teixeira (2020, p. 17) observam que os estudos sobre muitos aspectos relativos à Biblioteconomia de livros raros ainda são incipientes no Brasil. Observa-se que a área não está totalmente consolidada no país, apesar dos esforços.

#### **4.1 Os conceitos de coleção especial e livro raro**

O livro raro, objeto de estudo da Biblioteconomia de livros raros, está inserido no conceito de coleções especiais. Pretende-se, a seguir, conceituar o que pode ser entendido como coleção especial e livro raro.

A University of Glasgow ([2012?] *apud* SOUZA, 2017), define coleções especiais como aquelas consideradas importantes o suficiente para serem preservadas para as futuras gerações. Compostas frequentemente por obras antigas, raras, únicas e frágeis, possuem alto valor de pesquisa e/ou cultural. São formadas majoritariamente por bibliotecas ou arquivos pessoais e recebem frequentemente o nome do proprietário original, refletindo, muitas vezes, os interesses desses proprietários, devendo ser mantidas juntas. É possível, ainda, serem criadas artificialmente pela instituição para atender às necessidades informacionais dos seus

usuários. Nem todos os itens dessas coleções são raros ou valiosos, mas ganham relevância a partir do contexto em que foram coletados ou porque formam uma massa crítica sobre um tema específico. Para a sua preservação, são armazenadas de forma separada das outras obras, em local com níveis de temperatura controlados. Há normas para o seu manuseio e salvaguarda, sendo consultadas somente de forma presencial por pesquisadores, em sala específica (UNIVERSITY OF GLASGOW ([2012?] *apud* SOUZA, 2017).

Sobre a separação das obras, Pinheiro (2015) também reforça essa orientação, indicando que, em uma coleção especial, os itens mais valiosos do acervo “[...] devem ser reservados em áreas de maior segurança, sob condições mais restritas de acesso e uso” (PINHEIRO, 2015, p.34).

A maioria das bibliotecas possuem materiais que, com o tempo e as mudanças nas circunstâncias, se tornam escassos e ganham significativo valor cultural, histórico e/ou monetário. Os bibliotecários são os responsáveis por identificar os materiais raros e valiosos mantidos em suas coleções gerais e abertas, e de providenciar a transferência física desses materiais para um ambiente apropriado. (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2016, tradução nossa). Observa-se, portanto, a necessidade das instituições de identificar as obras mais valiosas, elaborar metodologias e critérios para definir o que será classificado como raro no acervo, providenciar o acondicionamento adequado em local separado das obras mais comuns, com maior segurança e condições adequadas do ponto de vista da conservação preventiva, com acesso e consulta restritos, visando sempre a preservação dos itens do acervo.

Araújo, Silveira e Reis (2018a, p. 6177) explicam que “[...] o conceito de livro raro é uma construção social cujos contornos discursivos originam-se das práticas ensejadas no seio da Bibliofilia praticada na Europa, sobretudo ao longo do século XVIII”. Constata-se, portanto, que a construção do conceito de raridade bibliográfica surgiu a partir da prática da bibliofilia.

De maneira geral, a conceituação de livro raro, elaborada por alguns autores, convergem e se complementam (RODRIGUES, 2006; FARIA; PERICÃO, 2008; SANT’ANA, 2001; CUNHA; CAVALCANTI, 2008; PINHEIRO, 2015).

Rodrigues (2006), de forma simplificada, apresenta o livro raro como:

[...] aquele difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se de um exemplar manuscrito, ou ainda por ter pertencido a uma

personalidade de reconhecida projeção e influência no país e mesmo fora dele [...], ou reconhecidamente importantes para determinada área do conhecimento [...]. (RODRIGUES, 2006, p. 115)

Moraes (2018), por exemplo, defende que um livro raro é aquele que é procurado e desejado, e que possui um conjunto de particularidades, a saber: uma edição de uma obra célebre; ter sido impresso por um tipógrafo notável; conter ilustrações elaboradas por um artista conhecido; possuir uma encadernação feita por um famoso ateliê de encadernação; e conter erros de impressão.

Faria e Pericão (2008, p. 469), indicam que o livro raro é “[...] assim designado por ser detentor de alguma particularidade especial (antiguidade, autor célebre, conteúdo polêmico, papel, ilustrações) [...]”. Já para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 234), ele pode ser definido como o “[...] livro que, pelas características da edição, existência de autógrafo do autor ou alguma razão especial, é considerado valioso”. Pinheiro (2015, p. 33) o apresenta como “[...] o item bibliográfico desse modo identificado porque é o único exemplar conhecido, porque é precioso para quem o possui, ou porque é inquestionavelmente raro [...]”. Sant’Ana (2001), por sua vez, diz que:

[...] o livro raro é aquele difícil de encontrar, invulgar, diferente do livro comum. A palavra raro significa também algo valioso ou precioso; uma obra rara seria portanto qualquer publicação incomum, difícil de achar, e com um valor maior do que os livros disponíveis no mercado. (SANT’ANA, 2001, p. 2)

No entanto, há muitas questões que permeiam a classificação de um item como raro, dada a sua subjetividade. Referidas questões serão tratadas a seguir.

## **4.2 A questão da raridade bibliográfica**

Como visto, a valorização dos aspectos bibliográficos e materiais dos livros os tornaram, para além de objetos de erudição, verdadeiras obras de arte, dada a sofisticação de suas apresentações físicas. A partir do século XVIII, apogeu do colecionismo, determinadas obras passaram a ser intensamente buscadas por esses colecionadores. Sobre esse marco temporal, que influenciou a construção da raridade bibliográfica, Araújo, Silveira e Reis (2018a) reforçam os acontecimentos do período:

[...] um conjunto de fatores econômicos, políticos e sociais relacionados ao universo do livro que acabaram por influenciar a construção da raridade por meio de disputas discursivas levadas a

cabo entre atores do circuito da cultura *libraria* (eruditos, bibliólogos, bibliófilos, livreiros, bibliógrafos e bibliotecários) que visavam o monopólio do comércio do livro raro. (ARAÚJO; SILVEIRA; REIS, 2018a, p. 6173-6174)

Os autores apontam que a adoção da raridade foi consolidada como uma das práticas mais efetivas da bibliofilia no século XVIII, quando se pretendia dar destaque às características únicas de cada livro, ao mesmo tempo que se pretendia reforçar os valores socioculturais dos proprietários. É nesse contexto que se inserem as bibliografias de livros raros, importantes instrumentos de mediação no comércio de obras raras, que reforçavam a raridade destas e “[...] referendavam regras específicas para a seleção, aquisição e recuperação de obras tidas como essenciais à formação de bibliotecas de livros raros” (ARAÚJO; SILVEIRA; REIS, 2018a, p. 6173-6174).

Tal cenário ensejou, no cerne do comércio livreiro do século XVIII, a formulação do conceito de livro raro, criado por meio do sistema axiológico da raridade que estabelecia um conjunto de marcadores de individualização de uma obra – níveis de raridade; elementos de raridade (materialidade, escassez, proveniência, discursos); e qualitativos (características individualizantes). Esse sistema era divulgado por meio de Bibliografias de Livros Raros, dentre as quais se destacam os bibliógrafos/bibliófilos/livreiros: Johann Vogt (1732), Guillaume-François De Bure (1763-1768) e David Clement (1750-1760). (ARAÚJO; SILVEIRA; REIS, 2018a, p. 6178)

Araújo, Silveira e Reis (2018b) indicam que o estabelecimento do conceito de raro foi influenciado especialmente por dois fatores: o aumento do número de livreiros especializados no comércio de livros raros e a venda pública de grandes bibliotecas centenárias. Os autores destacam que os catálogos de vendas públicas dessas bibliotecas continham informações detalhadas sobre as obras, de forma a individualizá-las, e incluíam os estados de conservação, tendo isso possibilitado a especialização de livreiros na venda de livros raros, assim como a identificação e descrição bibliográfica de documentos antigos. “[...] Do entrecruzamento dessas práticas culturais, alimentado pelo rigor e a exigência de cientificidade [...] nasceu um sistema, proposto por livreiros, para fundamentar o significado da raridade” (ARAÚJO; SILVEIRA; REIS, 2018b, p. 41).

Dessa forma, as bibliografias de livros raros tornaram-se uma referência para os colecionadores em relação ao que deveria ser adquirido por eles. Araújo, Silveira e Reis (2018b) apresentam dois modelos propostos por Viardot (1986) sobre o que poderia ser considerado raro: a biblioteca de livros seletos, pautada no conteúdo e

materialidade do livro; e o gabinete de raridade ou curiosidade, no qual “[...] a raridade era constituída por fatores como a antiguidade, as artes gráficas, a natureza do suporte, a encadernação, o luxo das decorações, os artífices e quaisquer outros qualitativos que tornassem o livro um objeto exótico” (VIARDOT, 1986, p. 597-598 *apud* ARAÚJO; SILVEIRA; REIS, 2018b, p. 42).

Mesmo havendo esses critérios universais que davam um direcionamento sobre a identificação da raridade de um livro, Gauz (2014, p. 4556) lembra que, “desde o surgimento da imprensa na Europa, há mais de 500 anos, e ao longo dos tempos, não existe fórmula única para se determinar o que torna um livro raro que sirva para todos os tempos e lugares”. Sant’Ana (2001) cita, por exemplo, a divergência de entendimento do que seja um livro raro entre colecionadores e bibliotecas:

Existe, todavia, uma quase total divergência entre os pontos de vista dos colecionadores e dos responsáveis por bibliotecas públicas especializadas na guarda de livros raros, quanto à definição do que seja uma raridade bibliográfica. Embora ambos reconheçam o valor histórico de uma obra antiga ou de um clássico da literatura, em geral os colecionadores não se prendem à antiguidade de uma obra para sua caracterização como rara, utilizando este termo mais como sinônimo de algo valioso. As bibliotecas, por sua vez, referem-se à data como um dos principais critérios de raridade, reconhecendo na obra a sua possibilidade de uso e não o simples valor monetário. (SANT’ANA, 2001, p. 2)

Rodrigues (2006, p. 115) informa que “atualmente não existe uma política nacional que oriente a identificação e qualificação de acervos raros”. A autora explica que cada instituição é livre para elaborar seus critérios, conforme suas políticas de acervo, mas muitas instituições brasileiras seguem os critérios de raridade adotados pela Biblioteca Nacional. “[...] Torna-se necessário, portanto, sistematizar uma metodologia a fim de explicitar e justificar os critérios adotados para identificar livros raros dentro de uma coleção” (RODRIGUES, 2006, p. 115).

Sobre isso, Sant’Ana (2001) destaca:

Cada instituição que mantém acervo de obras raras precisa criar uma política própria para a definição das características particulares que os livros devem possuir para que sejam considerados raros [...] Para que se possa garantir a correta indicação da raridade de uma obra, faz-se necessário tanto uma análise detalhada do livro (incluindo o estudo de sua importância histórica e literária, a verificação do número de exemplares conhecidos e o registro de marcas que individualizem o exemplar) quanto o conhecimento da política específica da biblioteca para a preservação de suas obras. (SANT’ANA, 2001, p. 8)

Apesar de existirem critérios tidos como universais, há uma concordância entre os autores de que a definição do que é raro em um acervo é subjetiva e a metodologia adotada para estabelecer os critérios de raridade deve ser específica para cada instituição, uma vez que cada local possui uma história diferente (GAUZ, 2014; PINHEIRO, 2009; RODRIGUES, 2006; SANT'ANA, 2001).

Segundo Pinheiro (2009), existem alguns mitos relacionados aos critérios de raridade dos livros: imaginar que todo livro antigo é raro, ou que ele pode ser considerado raro quando é o único exemplar existente no mundo. A autora explica que a idade de um livro não garante a sua raridade e valor. Além disso, é praticamente impossível estabelecer que uma obra seja única no mundo, uma vez que não há tratamento técnico adequado em todas as bibliotecas, o que pode dificultar a localização de uma obra (PINHEIRO, 2009). A autora reforça, ainda, que uma obra nem sempre é rara desde o momento de sua aparição. Conforme o contexto histórico, ela pode se tornar rara com o passar do tempo e alcançar valor extraordinário (PINHEIRO, 2009).

No mundo da bibliofilia, é comum estabelecer valores subjetivos aos livros, classificando-os em níveis como: muito raro, raríssimo, pouco vulgar ou difícil de achar, e curioso, termos bastante utilizados na literatura especializada francesa e portuguesa (PINHEIRO, 2009). Sobre essa variedade de conceitos relacionados à raridade, Moraes (2018, p. 55) comenta:

Um livro começa a sua carreira sendo “comum”; passa a ser “escasso”; torna-se “raro”; e acaba sendo “raríssimo”; há, na escala, graduações e sutilezas que os livreiros usam nos anúncios. Há o livro “escasso e procurado”, o livro “raro com a folha de erratas” ou “com aspas da brochura”. Quanto aos adjetivos “raro” e “raríssimo”, há um verdadeiro abuso dos livreiros. Não lhes bastam mais essas expressões nesse nosso mundo de publicidade intensa. Inventaram termos miríficos: “de toda raridade”, “da maior raridade”, “inachável” e não sei mais quê. Geralmente, o bom bibliófilo desconfia de tanto superlativo [...]. (MORAES, 2018, p. 55)

Para Pinheiro (2009), a raridade bibliográfica está diretamente relacionada a três conceitos: livro raro, definido por critérios comuns no mundo todo; livro único, quando é o único exemplar conhecido no mundo (não é possível afirmar que determinado livro seja o único existente no mundo); e livro precioso, que se refere a coleções especiais relacionadas com a missão e identidade de uma biblioteca.

Para o estabelecimento de critérios de raridade, Pinheiro (2009) propõe a consideração dos seguintes aspectos: limite histórico, aspectos bibliológicos, valor

cultural, pesquisa bibliográfica, e características do exemplar. A autora destaca que “[...] a noção de raridade bibliográfica envolve tantos valores e circunstâncias, que é necessário formalizar uma metodologia para organizar esse conhecimento” (PINHEIRO, 2009, p. 33). Para tanto, ela indica que haja uma avaliação por parte da curadoria e gestão da biblioteca, bem como do leitor, com a formalização de uma metodologia que indique a definição dos critérios na instituição.

Sobre o limite histórico, Pinheiro (2009, p. 33) indica que ele “[...] releva a história do livro como referencial, atribuindo ao livro, apenas, valor histórico, posto que, a cada século, o livro assumiu um novo aspecto”. A autora destaca que a idade cronológica de um livro é um dos principais critérios adotados para a classificação da sua raridade. Ela é usada nos catálogos de livros raros publicados como o primeiro e, muitas vezes, o único critério. É usada também para aproximar livros semelhantes em relação a sua materialidade, levando-se em consideração as características de impressão de cada época, procedimento que promove a segurança do acervo, facilita a conservação preventiva e o processamento técnico, mas que não deve ser visto como o único fator a ser observado (PINHEIRO, 2009). Rodrigues (2011) inclui aqui todos os livros impressos antes de 1501, os livros impressos nas Américas antes de 1801, e os livros impressos no Brasil no período da Impressão Régia (1808-1822).

Quanto aos aspectos bibliológicos<sup>1</sup>, Rodrigues (2011, sem paginação) explica que “deve-se observar características referentes ao processo e aos materiais utilizados na produção da obra”. Do ponto de vista da materialidade, os aspectos bibliológicos reforçam elementos como suporte, encadernação, apresentação física etc., que contribuem para a raridade, ressaltando o valor monetário e o objeto livro em si, além de promover status ao seu detentor (PINHEIRO, 2009).

Fazendo referência ao valor cultural, Rodrigues (2011, sem paginação) destaca que “um dos fatores mais relevantes na determinação de raridade é a importância intrínseca da obra, ou seja, o quão importante o livro é considerado na sua área [...]”. Inclui-se aqui as primeiras edições de uma obra importante para determinada área do conhecimento (edições *princeps*), edições censuradas, expurgadas e tiragens reduzidas (RODRIGUES, 2011).

---

<sup>1</sup> Rodrigues, Calheiros e Costa (2003, p. 35) indicam que “a bibliologia é a ciência do livro, o corpo teórico da análise bibliológica, a qual, por sua vez, implica o exame minucioso, beneditino do livro, o colacionamento do livro raro página-por-página”. O conceito será melhor explicado no próximo capítulo.

Sobre a pesquisa bibliográfica, Pinheiro (2009, p. 35) ressalta que ela “[...] pode levar à identificação de exemplares disponíveis no mundo, à inferência de que o item em mãos era uma obra “desaparecida”, “desconhecida”, “inventada” – até ser descoberta – ou revelar que é um item de suprema raridade”. Assim, a bibliografia geral e os catálogos de biblioteca contribuem para essa identificação das obras raras disponíveis nos acervos.

Por fim, as características do exemplar reforçam o valor material do livro como um monumento, reforçando a ideia de patrimônio bibliográfico. Estão inseridas aqui as marcas de propriedade e proveniência, como os ex-líbris, super-líbris e *ex dono*, marcas próprias da edição, além das marcas de leitura deixadas na obra, como as marginálias (PINHEIRO, 2009).

Como dito anteriormente, muitas instituições acabam seguindo os critérios definidos pela Biblioteca Nacional. Esses critérios, segundo o documento *Critérios de Raridade da Fundação Biblioteca Nacional*, incluem os seguintes itens (BIBLIOTECA NACIONAL, 2012):

- Obras anteriores a 1455 (manuscritos);
- Primeiras impressões – 1455-1500 (incunábulos);
- Todas as obras dos séculos XV, XVI e XVII;
- Todas as impressões dos séculos XV, XVI e XVII;
- Impressões do século XVIII até 1720;
- Obras editadas no Brasil até 1841;
- Edições de tiragens reduzidas;
- Edições especiais, de luxo para bibliófilos;
- Edições clandestinas;
- Obras esgotadas;
- Exemplares de coleções especiais, em geral com belas encadernações e ex-líbris;
- Exemplares com anotações manuscritas de importância, incluindo-se dedicatórias.

Há, no entanto, considerações a serem feitas sobre os critérios de raridade adotados pelas instituições brasileiras. Alguns autores apresentam abordagens

críticas sobre a construção do conceito de livro raro adotado no Brasil, como Araújo (2015) e Sant’Ana (2001).

Araújo (2015) reforça ser oportuno o estudo da raridade sob a ótica social e científica. Ele observa que referido estudo seguiu de uma forma paralela aos demais do campo da informação e do documento, destacando que a configuração de eventos e publicações relacionados à raridade bibliográfica, raramente permite uma discussão mais transversal com os estudos atuais desses campos.

É a ampliação para o paradigma social que permitirá a potencialização das coleções raras e especiais e, conseqüentemente, o desenvolvimento e amadurecimento das disciplinas que dialogam com a raridade, como é o caso da Biblioteconomia dos Livros Raros. Sua integração às demais áreas de estudos da Biblioteconomia e mesmo da Ciência da Informação é urgente, uma vez que a produção de documentos efêmeros estabelece novas questões e desafios ao campo da raridade bibliográfica (ARAÚJO, 2015, p. 18)

O autor destaca que a falta de debate sobre os conceitos e da reflexão contínua sobre as teorias e práticas relacionadas à gestão de coleções raras e especiais possibilita que as instituições e curadores, muitas vezes, atribuam um aspecto muito monumental às suas coleções, criticando “[...] o uso alargado, automático e por vezes pasteurizado dos critérios para estabelecimento de raridade da Biblioteca Nacional (BN), em grande parte das bibliotecas de nosso país” (ARAÚJO, 2015, p. 22). Ele defende que referidos critérios devem servir como princípios, mas nunca como instrumentos totais, uma vez que todas as instituições possuem suas particularidades, e, portanto, necessidades e histórias distintas, bem como acervos formados sob as mais diversas motivações (ARAÚJO, 2015).

[...] É esta pluralidade que aponta para a necessidade de uma revisão crítica dos instrumentos de trabalho no campo da raridade bibliográfica que são colocados como únicos, tanto do ponto de vista profissional quanto social. (ARAÚJO, 2015, p. 22)

Sant’Ana (2001), por sua vez, ressalta a falta de uma política consistente de aquisição de obras raras pelas bibliotecas brasileiras, o que leva algumas instituições a não determinarem como raros, livros com valor de mercado e de difícil localização, sendo o mais comum utilizarem critérios como a importância histórica do livro e do seu conteúdo. Soma-se a isso, a dificuldade para se adquirir obras raras por instituições públicas, sendo mais comum esses acervos se desenvolverem por meio de doação.

O autor critica o uso de bibliografias e catálogos para definir o que pode ser classificado como raro em um acervo, observando que, apesar de serem muito importantes, “[...] trata-se de um apoio para o estabelecimento dos critérios, e não de uma norma a ser rigidamente seguida” (SANT’ANA, 2001, p. 12).

Pinheiro (2009) reforça a necessidade de se ter políticas muito bem estabelecidas em relação aos critérios, de modo a auxiliar no planejamento e no desenvolvimento de coleções, para que o acervo esteja sempre em consonância com a missão da instituição.

Há nas bibliotecas brasileiras uma certa preocupação em aumentar a quantidade de livros sem se preocupar com a qualidade dos títulos, não levando em consideração os critérios de raridade, especificações do acervo e uma política de desenvolvimento de coleções clara, e isso faz com que sejam classificados como raros, livros de menor importância (PINHEIRO, 2009, p. 38).

Diante do exposto, ressaltamos a necessidade de cada instituição elaborar os seus critérios de raridade, levando sempre em consideração suas particularidades. Para tanto, a formação de uma comissão multidisciplinar para analisar e definir esses critérios é essencial para a construção da metodologia, possibilitando que se tenha considerações de múltiplos olhares.

Considerando as práticas específicas da área da Biblioteconomia de livros raros, a seguir, serão apresentadas as marcas de proveniência bibliográfica, muito comuns em coleções especiais de livros raros.

## 5 AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Antes de adentrar no assunto ex-líbris, abordaremos neste capítulo alguns aspectos sobre as marcas de proveniência bibliográfica na qual eles estão inseridos. O objetivo não será aprofundar o estudo das referidas marcas, mas apresentá-las de forma a contextualizar a pesquisa.

Conforme mencionado no capítulo anterior, a prática do colecionismo possibilitou uma grande valorização dos aspectos materiais dos livros, que se tornaram objetos de apreciação muito em virtude de sua apresentação física.

Rodrigues (2011) explica que o desejo de possuir objetos é inerente ao ser humano, uma vez que ter a posse de algo desejado por todos confere prestígio ao possuidor. “[...] É como se houvesse a possibilidade da transferência do significado e da importância do objeto para o seu detentor, uma apropriação do poder inerente à obra” (RODRIGUES, 2011, sem paginação). A autora indica, ainda, que o desejo de possuir também está relacionado à preservação do patrimônio para as futuras gerações, de modo que elas tenham acesso aos costumes e tradições de uma época por meio desses objetos, e é nesse contexto que surgem as coleções bibliográficas (RODRIGUES, 2011).

Como objetos valiosos que conferem poder ao detentor, Pinheiro (2003b) explica que, no passado, as bibliotecas se tornavam referências muito em detrimento de seus intelectuais proprietários e os livros existentes ali davam essa falsa garantia de qualidade ao acervo, mesmo que os livros nunca tivessem sido lidos. Nesse sentido, Pearson ressalta que:

O valor cultural de um determinado livro residirá não tanto nas palavras em suas páginas, mas em tudo o mais que manifeste evidência de sua interação com os usuários, do que ele pode nos dizer sobre o papel que desempenhou como objeto material. (PEARSON, 2019, p. 6, tradução nossa)

É no âmbito da história do livro e das bibliotecas, bem como das coleções especiais de obras raras, que estão inseridos os estudos sobre as marcas de proveniência bibliográfica.

Rodrigues, Vian e Teixeira (2020) ressaltam que, no contexto da Biblioteconomia de livros raros, a proveniência está relacionada aos registros de propriedade de um livro impresso ou manuscrito, bem como a sua trajetória percorrida ao longo dos anos, quando, por algum motivo, foi transferido para outros proprietários.

Para os autores, as marcas de proveniência bibliográfica indicam “[...] quais caminhos foram trilhados por um livro, mostrando como se deu a formação do acervo, ou as origens de seus itens” (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2020, p. 10).

[...] A proveniência é geralmente expressa como uma cronologia de proprietários, custódia ou localização de um livro histórico. Inclui não só nomes, mas outras informações contextuais de interesse para a história do livro (como tempo e lugar) para permitir uma maior compreensão das interações das pessoas com os livros ao longo do tempo. (LEUNG, 2016, p. 11, tradução nossa)

Devido a todas essas características, Buchanan (2011, p. 349, *apud* Leung, 2016, p. 11, tradução nossa) indica que, na história do livro, as marcas de proveniência são possivelmente as “peças mais valiosas da documentação relativa à uma coleção como um todo”. Sobre o processo de conhecimento das coleções existentes em uma biblioteca a partir dessas marcas, Azevedo (2010) explica o conceito de biblioteca patrimonial, como aquela que foi formada a partir de outras bibliotecas:

Uma biblioteca patrimonial [...] é normalmente composta por outras bibliotecas, que ao longo de suas histórias vão sendo incorporadas ao acervo. Todavia, são pouco frequentes os “rastros” desse processo. No âmbito de uma “arqueologia biblioteconômica”, descobrir o processo de formação e desenvolvimento de uma coleção é de importância ímpar, pois ao se conhecer as coleções que formam o seu corpus, a biblioteca cresce e se complementa como um organismo vivo. (AZEVEDO, 2010, p. 234)

Alguns critérios de raridade universalmente aceitos estão relacionados à individualização do exemplar e dizem respeito às marcas deixadas na obra por seus antigos donos, sendo as mais comuns: assinaturas, autógrafos, dedicatórias, carimbos, brasões, monogramas, ex-líbris, super-líbris, etiquetas, marginalia, anotações, comentários e comprovantes de compra (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2020). Rubens Borba de Moraes (2018, p. 108) explica que “[...] uma assinatura, um ex-libris, uma anotação feita por um livreiro ou leiloeiro, indicando de quem o adquiriu e em que catálogo está descrito, servem para autenticar a origem”, agregando ainda mais valor ao exemplar.

Leung (2016) explica que o conceito de proveniência remonta ao século XIX, mas só agora tem ganhado maior notoriedade. Hoje, a identificação dessas marcas em um acervo tem sido cada vez mais comum, por trazer diversos benefícios, podendo: conceder autenticidade e confiabilidade aos materiais; trazer possibilidades

de novas pesquisas a partir das marcas; e promover uma maior segurança patrimonial pelo fato de a marca individualizar um exemplar. Além disso,

[...] A proveniência pode fornecer um registro de redes sociais, econômicas e políticas, a influência dos livros sobre elas e como essas redes mudaram ao longo do tempo. Por extensão, a proveniência também pode ajudar a mostrar diferentes atitudes culturais em relação à propriedade. (LEUNG, 2016, p. 12, tradução nossa)

Com a utilização cada vez maior do meio digital para se realizar pesquisas nos acervos, Leung (2016) afirma que o estudo da proveniência traz implicações à curadoria e a preservação de dados, pois é necessário ter metadados específicos para isso. A medida permite a localização das marcas no catálogo digital, a exemplo do que foi feito na presente pesquisa, na qual foi utilizada uma biblioteca digital como meio de se conhecer os ex-líbris da instituição. Pode, ainda, promover a preservação de um exemplar original que não esteja mais em condições de ser manuseado, caso seja necessário o seu uso para alguma pesquisa de proveniência.

Rodrigues, Vian e Teixeira (2020), indicam que, apesar de haver grande quantidade de pesquisas relacionadas à formação e desenvolvimento de bibliotecas, há poucas sobre o estudo das marcas de proveniência dos livros. Referido estudo possibilitaria obter uma gama de informações sobre o contexto social, histórico e cultural de uma época, além de relacionar acervos de instituições diferentes por meio das marcas de propriedade, anotações e dedicatórias de um mesmo proprietário, permitindo a compreensão dos motivos pelos quais uma coleção foi agrupada ou separada. As marcas resgatam a origem de acervos, o estudo da obra e de seus proprietários.

A proveniência, portanto, torna-se especialmente significativa ao destacar as relações entre objetos, pessoas, lugares, períodos de tempo e outros objetos. [...] Por extensão, a teoria da proveniência também tem impacto nas bibliotecas e no estudo da história da biblioteca. Se as informações de proveniência fornecerem contexto social a um livro, também tem o potencial de destacar as ligações entre colecionadores e instituições maiores. (LEUNG, 2016, p. 13, tradução nossa)

Atualmente, pesquisadores de diversas instituições utilizam-se das marcas de proveniência para, além de estudar os antigos proprietários, traçar as trajetórias pelas quais um livro ou uma coleção percorreu. Rodrigues, Vian e Teixeira (2020, p. 10) explicam que “por meio do estudo das marcas é possível descobrir outros livros que

derivam de um mesmo domínio, permitindo que estes possam ser novamente reunidos em seu conjunto, se for este o objetivo”.

Um exemplo desses estudos de proveniência pode ser visto no livro *Primeiras edições de Machado de Assis na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*, no qual os autores, pesquisadores da área de literatura brasileira, também se valem das marcas para descrever materialmente cada exemplar apresentado na obra. “O conjunto permite observar as marcas de prestígio agregadas aos livros à medida que o escritor [Machado de Assis] desenvolve sua trajetória bem-sucedida” (GUIMARÃES; LEBENSZTAYN; SCHOEPS, 2022, p. 14).

A seguir, apresentaremos algumas considerações sobre a descrição material do livro, importante para a identificação de marcas de proveniência bibliográfica.

### 5.1. A descrição da materialidade do livro

A análise da materialidade do livro é uma importante ferramenta para a descrição de livros raros, recurso que proporciona a preservação e salvaguarda, exigindo o conhecimento do livro sob o ponto de vista físico. Por meio dessa análise, é possível fazer uma descrição das obras considerando diversos elementos que tornam um livro único, individualizando-o perante outros de uma mesma edição quando comparados. Referida análise é bastante conhecida no Brasil como análise bibliológica, conceito difundido, sobretudo, por Ana Virginia Pinheiro.

A análise material se fundamenta na Bibliografia Material ou Analítica, cujo foco é o livro como objeto, considerando características do exemplar e da edição. Para Faria e Pericão (2008), ela pode ser entendida como:

Espécie de bibliografia que determina fatos e dados relativos a uma publicação, examinando as assinaturas, reclamos, folhas reimpressas e marcas-d'água e fazendo registro dos resultados. [...]. Baseia-se no estudo dos documentos bibliográficos como objetos físicos [...]. Pode considerar a história de livreiros e impressores, a descrição de tipos de papel e de encadernação ou a evolução do texto, desde a fase do manuscrito até o lançamento ao público. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 96)

Pinheiro (2012, p. 4) explica que a análise bibliológica “[...] é o exame da organização material do item e o reconhecimento de seus elementos, para descrevê-lo como monumento, a partir de terminologia específica, amplamente dicionarizada e referenciada”. A autora explica que ela se dá especialmente no momento da

catalogação, destacando que catalogar é um ato de preservação quando permite um controle e identificação do livro, enquanto continente e conteúdo (PINHEIRO, 2012). Do ponto de vista da materialidade, Azevedo e Loureiro (2019, p. 2) reforçam que “ao estender a reflexão aos livros, entendidos [...] também como objetos, está implícito que muitas das vezes eles transmitem algo além de seu conteúdo impresso”.

Para Rodrigues, Calheiros e Costa (2003, p. 35), “a bibliologia é a ciência do livro, o corpo teórico da análise bibliológica, a qual, por sua vez, implica o exame minucioso, beneditino do livro, o colacionamento do livro raro página-por-página”. Nesse sentido, a análise bibliológica se dá especialmente por meio de uma conferência cuidadosa e exaustiva de todos os elementos materiais presentes no livro, com a conferência de cada página e registro das informações encontradas. As autoras esclarecem que, por meio dessa análise, é possível descrever características intrínsecas, relacionadas à edição, e extrínsecas, relacionadas a elementos inseridos após a publicação, que personalizam o exemplar, como a inserção de marcas de propriedade e marcas de uso (RODRIGUES; CALHEIROS; COSTA, 2003).

Pinheiro (2012) apresenta uma relação de aspectos que devem ser cuidadosamente observados durante o complexo processo de descrição material de um livro raro (Quadro 2):

Quadro 2 - Aspectos a serem observados durante a descrição material do livro raro

1 Suporte	<ul style="list-style-type: none"> <li>● natureza (papel, pergaminho, couros, tecidos)</li> <li>● linha e marca d'água</li> <li>● variantes morfológicos (lado da carne/lado do pelo, cicatrizes e defeitos do pergaminho; dimensões, textura, cor e espessura do papel)</li> </ul>
2 Capa	<ul style="list-style-type: none"> <li>● cobertura (material, decoração)</li> <li>● encadernação original, de época, em estilo, especiais, exóticas, artesanais</li> <li>● lombada, cortes, seixas</li> <li>● guarda, contraguarda, guarda volante</li> <li>● complementos: garras, fechos, amarras, ornamentos</li> </ul>
3 Texto impresso	<ul style="list-style-type: none"> <li>● mancha (título corrente, reclamo, assinatura)</li> <li>● arranjo (em colunas, sobreposto, em corandel, em fundo de lâmpada, em copo de médicos, em triângulo espanhol)</li> <li>● caracteres góticos, romanos, aldinós</li> <li>● signos tipográfico-bibliológicos: parágrafos, posituras</li> <li>● títulos</li> <li>● disposição do texto nas páginas, folhas, colunas</li> </ul>
4 Ornamentação	<ul style="list-style-type: none"> <li>● gravuras (água-forte, buril, xilogravura, litogravura)</li> <li>● aquarelas, iluminuras</li> <li>● assinaturas e marcas dos artistas gravadas ou impressas</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>● elementos decorativos: vinhetas, cabeções, capitais</li> <li>● marcas tipográficas e heráldicas</li> </ul>
5 Marcas intrínsecas e extrínsecas	<ul style="list-style-type: none"> <li>● marcas de propriedade e posse (carimbo seco, carimbo molhado, ex libris, ex dono, super libris, marca de fogo, chancela)</li> <li>● defeitos, incompletudes (originais e posteriores)</li> <li>● anotações manuscritas (de época, atuais)</li> <li>● marcas de comércio e intervenções (selos de livreiros, etiquetas de encadernadores) e de preparo biblioteconômico</li> </ul>
6 Apresentação material e aspectos intelectuais	<ul style="list-style-type: none"> <li>● natureza da obra</li> <li>● documentos encartados (carcela), dobrados, desdobrados</li> <li>● volumes unitários e coletivos</li> <li>● marcas de interferências gráficas posteriores à edição</li> </ul>

Fonte: Pinheiro (2012, p. 6).

Rodrigues, Calheiros e Costa (2003) destacam a importância de se conhecer aspectos relacionados à história do livro, uma vez que em cada época ele foi produzido de uma forma diferente, sendo necessário também levar em consideração aspectos sociais, históricos e culturais para compreendê-lo. Sobre isso, Azevedo e Loureiro (2019, p. 9) fazem destaque para dois importantes elementos “[...] que assumem relevância e que poderiam ser considerados em paralelo ao próprio autor e título da obra, quais sejam, a página de rosto e as capas”.

Para Rodrigues, Vian e Teixeira (2020), a análise bibliológica é, portanto, fundamental no processo de identificação de livros raros e comuns, pois é através dela que evidências de propriedade e anotações são encontradas, além de colaborar para que se tenha um conhecimento maior das coleções por parte dos seus responsáveis.

Rodrigues, Calheiros e Costa (2003) explicam, ainda, que, por haver uma falta de literatura especializada sobre Biblioteconomia de livros raros que direcione as práticas da análise material, a professora Ana Virginia Pinheiro propôs a observação de dois fundamentos: conhecer a história da editoração e da produção de livros, especialmente os raros dos séculos XV ao XVIII; e conhecer sobre a história das práticas da leitura e da bibliofilia, desde o século XV, para melhor identificar os aspectos extrínsecos da obra, ou seja, o que foi inserido em um livro após ele ter sido publicado, como ex-libris, marginálias, anotações manuscritas, dedicatórias, marcas de livreiros etc., com o intuito de personalizar os exemplares.

Durante o processo de catalogação de livros raros, deve haver um cuidado especial com a identificação e o registro das marcas de propriedade e outras marcas

de proveniência, pois, dessa forma, contribui-se para a preservação e segurança da coleção. Ter o registro da presença das marcas em um acervo contribui para a identificação da obra em caso de roubo ou furto, pois cada exemplar possui características singulares (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2020).

[...] A descrição minuciosa e exaustiva, formatada como inventário, é difundida nos manuais de segurança patrimonial e é o recurso de segurança recomendado e praticado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, através do Inventário Nacional de Bens Culturais de Natureza Material. (PINHEIRO, 2012, p. 3)

Rodrigues, Calheiros e Costa (2003) destacam, por fim, que no momento da catalogação de livros raros, é recomendado que todas as características encontradas que individualizam o exemplar sejam inseridas no campo de notas. De igual importância, mencionar nas notas o estado de conservação do livro, apontando medidas que possam garantir a salvaguarda do original, como a digitalização, por exemplo, é uma medida necessária.

Em virtude de os estudos de proveniência serem incipientes no Brasil, muitas instituições ainda não disponibilizam as informações relativas às marcas de proveniência existentes no acervo em seus catálogos, o que possibilitaria a realização de diversas pesquisas e ações culturais a partir delas.

No próximo capítulo, será dada maior ênfase a um tipo específico de marca de proveniência, o ex-líbris, objeto desta pesquisa.

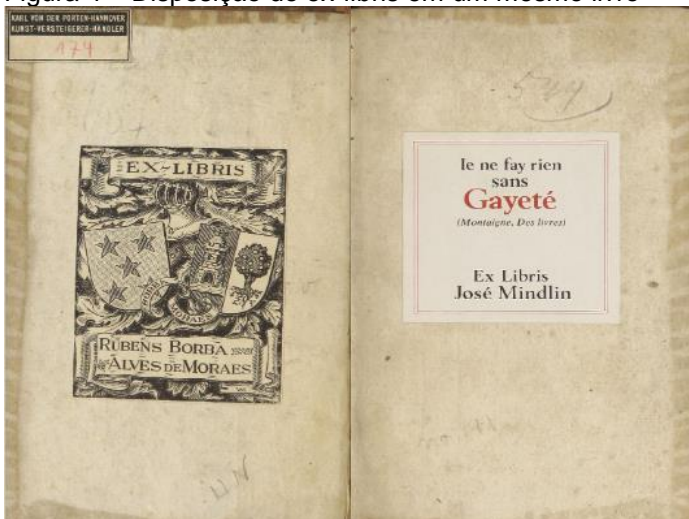
## 6 OS EX-LÍBRIS

Os ex-líbris são marcas de propriedade conhecidas desde o século XV e estudadas, sobretudo, no campo da Biblioteconomia de livros raros. No Brasil, tiveram grande destaque até as primeiras décadas do século XX e foram praticamente esquecidos após os anos 60. Aos poucos, o assunto vem sendo retomado por pesquisadores do livro antigo, elevando o interesse pela pesquisa de marcas de proveniência em diversas instituições brasileiras.

Bertinazzo (2012), informa que o estudo do ex-líbris no Brasil ainda é incipiente, ao contrário de instituições estrangeiras que possuem sólido conhecimento sobre o assunto, com vasta bibliografia. A autora indica que a marca possui muitas potencialidades de estudo: “um único *ex libris* pode dar um tratado e ser abordado pelo viés semiológico, histórico, psicológico etc.” (BERTINAZZO, 2012, p. 21).

A pequena vinheta de papel gravada ou impressa está geralmente colada no verso da capa ou em uma das primeiras folhas de guarda do livro e serve para identificar coleções particulares e instituições (Figura 4).

Figura 4 – Disposição de ex-líbris em um mesmo livro



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Além de representar as preferências do proprietário, os ex-líbris são testemunhas das tendências de determinado período. Sobre isso, Machado (2014, p. 10) explica que a marca é vista “[...] como auxiliar prestativo para o conhecimento da mentalidade de uma época, suas vaidades e bajulações, gostos e tendências”, o que também é reforçado por Bertinazzo (2012, p. 31): “[...] enquanto se prestavam a

identificar o livro, sintetizavam as tendências intelectuais, morais, literárias, científicas, enfim, os traços culturais de seu tempo e os ideais de seu encomendador”. Cortes *et al.* (2019), por sua vez, também ratifica a relevância das marcas:

[...] os ex-líbris representam a vida social, as relações entre os homens, o domínio sobre a natureza, a cultura e o desenvolvimento das cidades. Assim, são capazes de registrar espaços, lugares, atividades e relações que, ao longo do tempo, transformaram-se e até mesmo desapareceram. Diante disso, observa-se a relevância dos ex-líbris como objetos que salvaguardam a memória. (CORTES *et al.*, 2019, p. 24)

Costumeiramente mais presentes em coleções especiais de livros raros e antigos, os ex-líbris são fundamentais para que se conheça a história da proveniência e da formação do acervo da instituição. Considerando que as bibliotecas de muitas instituições públicas hoje tiveram seus acervos formados sobretudo por doações de particulares, a exemplo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, utilizada nesta pesquisa, há uma grande presença de ex-líbris nos exemplares, que contam a trajetória desses acervos, preferências dos antigos detentores, além de trazerem muitas informações sobre a época em que foram produzidos. Para Bertinazzo (2012), essas marcas trazem historicidade ao livro.

Esteves (1954), reforça que os bibliófilos tiveram um importante papel na sociedade, pois ajudaram a preservar os registros históricos, artísticos e culturais dos povos, fazendo com que estes chegassem até a geração presente. O autor ainda destaca o papel das bibliotecas eclesiásticas na proteção do patrimônio bibliográfico: “[...] devemos muito também aos Conventos que, na Idade Média, com sacrifício, muitas vezes, para os religiosos, evitaram os incêndios e pilhagens de livros, verdadeiramente preciosos, que nunca teriam chegado até nós” (ESTEVES, 1954, p. 37-38).

Para Bezerra (2006), a evolução dos processos gráficos possibilitou que os ex-líbris se expandissem por diversos países, “[...] encontrando-se nas boas bibliotecas, públicas e particulares, como sinal de amor e zelo pelos livros” (BEZERRA, 2006, p. 130). Bertinazzo (2012, p. 40) explica que os ex-líbris foram criados para enobrecer o livro: “[...] o sentido de posse evidenciado no *ex libris* agrega ao valor espiritual (ou intelectual) do livro, o valor material”.

A expressão ex-líbris tem sua origem no latim e significa “dos livros de” para designar a propriedade de um livro. Na literatura, a escrita da palavra pode aparecer de diversas formas: “*ex libris*” ou “ex-libris”, mas, nesta pesquisa, optamos por usar a

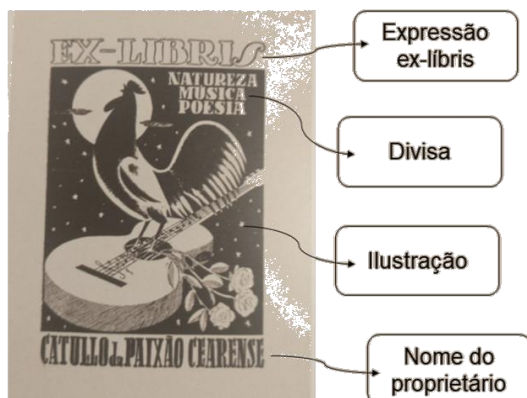
expressão em português “ex-líbris”, com hífen e acento agudo, excetuando-se as citações, cuja expressão será escrita conforme a forma utilizada pelos autores. Bertinazzo (2012) lembra que os termos *ex museo*, *ex biblioteca* e *ex dono* precedem a expressão ex-líbris.

Segundo Bezerra (2006, p. 129), os ex-líbris representam, “[...] uma variante da assinatura pessoal do proprietário”. Bertinazzo (2012, p. 25) diz que eles são “[...] uma espécie de selo de propriedade, incontestável e universal, que vem colada na face interna da capa, no rosto ou anterrosto do livro, valorizando-o”. Faria e Pericão (2008, p. 321) os apresentam como uma “[...] expressão latina que [...] serve para designar toda menção de posse de um livro”, e complementam:

vinheta, geralmente gravada ou impressa em papel, que menciona o nome, completo ou abreviado, de uma ou mais pessoas ou mesmo de uma instituição, por vezes com desenho de concepção mais ou menos artística e ainda com divisa ou legenda. Destina-se a ser colada na parte interior da encadernação de um livro ou numa das guardas, constituindo, desse modo, uma marca de posse. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 321)

Machado (2014) indica os elementos que normalmente figuram nos ex-líbris: divisa (sentença), ilustração (brasão, monograma, alegoria), além do nome do proprietário e a expressão ex-líbris (Figura 5). Porém, tais elementos não são obrigatórios, pois há ex-líbris somente com uma ilustração, sem o nome do proprietário, e nem por isso são desconhecidos ou têm a origem contestada. Sobre essa credibilidade, Esteves (1954, p. 19) aponta que ele “[...] tem força de escritura pública [...]. Basta a marca do possuidor do livro para garantir a sua propriedade que não pode, de modo algum, ser contestada”.

Figura 5 – Elementos encontrados no ex-líbris



Fonte: Elaborado pela autora a partir da imagem do ex-líbris de Catullo da Paixão Cearense (SILVA; MACIEL, 2014, p. 155)

Do ponto de vista da materialidade, um livro é ainda mais valorizado quando contém um ex-líbris de um colecionador conhecido (MORAES, 2018). A marca de propriedade, portanto, personaliza e valoriza esteticamente a obra. Para além da valorização material, a presença da marca, por ser um possível indicativo de raridade bibliográfica, tem sido cada vez mais estudada no âmbito da Biblioteconomia de livros raros.

Como visto, marcar os livros com ex-líbris é um costume bastante antigo. De forma a contextualizar o seu uso na antiguidade até os tempos atuais, será apresentada, a seguir, a história dessas marcas.

## 6.1 História

Os ex-líbris são marcas conhecidas há muitos séculos, mas muitos pesquisadores afirmam que é impossível determinar a sua origem.

Sabe-se que, desde a antiguidade, há um interesse do homem em registrar a marca de propriedade dos seus livros (ESTEVES, 1954). Para Bruchard (2008), a necessidade de marcar a posse do livro é tão antiga quanto o próprio livro. Apesar de virem à tona somente no século XV, Bezerra (2006), Bruchard (2008), Esteves (1954) e Machado (2014) mencionam a existência de uma pequena placa de argila azul anexada a um conjunto de papiros que faz parte do acervo do Museu Britânico, em Londres, datada de aproximadamente 1.400 anos A.C., com o indicativo de terem pertencido à biblioteca do faraó egípcio Amenófis III. Este é o primeiro registro de propriedade bibliográfica que se tem na história (Figura 6).

Figura 6 – Ex-líbris de Amenófis III



Fonte: Book-label; plaque (BRITISH MUSEUM, [2022?], sem paginação).

Ainda sobre a antiguidade, Machado (2014) aponta que os assírios e babilônios, herdeiros da escrita cuneiforme, também tinham a preocupação de registrar a propriedade em suas tabuletas de argila para preservar seu patrimônio cultural, como pode ser comprovado em resquícios arqueológicos da biblioteca do rei Assurbanipal.

Por muito tempo, a tradição do ex-líbris foi difundida somente entre os nobres, que ostentavam seus livros como verdadeiras obras de arte, tendo em vista que os livros nesta época conferiam status aos seus proprietários. O conhecimento sobre o uso dessas marcas ficou, portanto, oculto do restante da sociedade por um longo período, tornando-se motivo de interesse pelos estudiosos das artes dos livros bem mais tarde (ESTEVES, 1954).

Segundo Bezerra (2006), nas bibliotecas monásticas da Idade Média já se tomavam precauções contra os piratas dos livros com o uso de ex-líbris.

Registra que costumavam ter ex-líbris com inscrições que ameaçavam com penas de excomunhão, tanto os que furtavam ou encobriam o furto, como os que, em vista do roubo, raspavam ou faziam desaparecer o ex-líbris. Os anátemas variavam de acordo com a importância da obra. (BEZERRA, 2006, p. 130-131)

Na Idade Média, diversas formas foram utilizadas para indicar a posse de um livro. Bruchard (2008, p. 12) explica que “[...] as armas do proprietário apareciam iluminadas, quer no início do volume, quer inseridas nas iniciais, quer junto do colofão”. Aqui, armas podem ser entendidas do ponto de vista da heráldica como “[...] brasão, marcas honoríficas hereditárias, com esmaltes e figuras determinados de uso imemorial ou concedidas por vontade régia que distinguem as diversas famílias nobres” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 65).

Época de notável desenvolvimento da miniatura e dos manuscritos artísticos [...], os missais e livros de cânticos dos nobres ostentavam, entre vinhetas e orlas, os seus brasões, monogramas, divisas e nomes, em cuidadosa e deslumbrante caligrafia. (MACHADO, 2014, p. 12).

Faria e Pericão (2008, p. 321) destacam que “[...] os primeiros ex-libris apresentavam elementos decorativos de natureza heráldica que, com o passar dos anos e a proliferação do livro, foram dando lugar aos alegóricos”. Esteves (1954) complementa, indicando que eles eram confeccionados pelos mais renomados gravuristas, conforme o pedido de quem os encomendava.

O emprego do ex-líbris da forma como conhecemos hoje foi instituído durante o Renascimento, com a advento da tipografia (BRUCHARD, 2008). Machado (2014)

explica que a descoberta da imprensa e a invenção da gravura foram decisivos para que o Renascimento fosse consolidado como um grande movimento de renovação literária, artística e científica. O autor destaca que, “no século XVI, em sintonia fina com a expansão das artes plásticas, em especial a gravura, o ex-libris inicia sua difusão por toda a Europa” (MACHADO, 2014, p. 15).

Para Bruchard (2008), a maneira de sinalizar a propriedade nos livros foi se modificando nesta época, pois, com o livro impresso, já não era mais possível pintar brasões diretamente nos manuscritos e a marca de posse passou a ser feita após a impressão, em folha separada. Além disso, a autora indica que “[...] havia também as vinhetas, ou brasões, gravados ou dourados na própria encadernação, na lombada e até nos cortes do livro” (BRUCHARD, 2008, p. 12). Com relação à maneira de marcar a propriedade nos livros, Machado (2014) complementa:

Até então, muitos proprietários de livros, por tradição secular, costumavam marcar os seus códices com a inscrição ex-líbris, colocada no final do volume, seguida do nome do proprietário da obra. Logo, procederam como os livreiros, utilizando-se de pequenas gravuras soltas, ilustradas com motivos heráldicos (em geral o brasão do proprietário, coroado por um elmo) e uma divisa. Nascia, assim, o ex-líbris gravado, considerado o mais nobre e distinto de todos os ex-líbris. (MACHADO, 2014, p. 13).

O aumento na impressão de livros possibilitou que bibliotecas eclesiásticas tivessem um grande aumento nas suas coleções. Reis e nobres também começaram a formar coleções bibliográficas pessoais (MACHADO, 2014). Foi na Alemanha de Johannes Gutenberg que surgiu, no século XV, o primeiro ex-líbris impresso.

Machado (2014) diz que há unanimidade entre os pesquisadores em reconhecer o ex-líbris de Hans Igler como o mais antigo, gravado entre 1470 e 1480 (Figura 7).

Figura 7 – Ex-líbris de Hans Igler



Fonte: Exlibris de Hanns Igler Knabensberger (WIKIMEDIA COMMONS, 2009, sem paginação).

Ainda segundo Machado (2014), o segundo mais antigo seria o de Wilhelm von Zell, que doou sua biblioteca particular ao Mosteiro dos Cartuxos, em Buxheim, na Alemanha, e foi gravado por volta de 1480. O autor destaca que somente a França, além da Alemanha, teria começado a gravar ex-líbris no século XV (MACHADO, 2014).

Sobre os ex-líbris do século XVI, Machado (2014) explica que eram, na maioria das vezes, heráldicos e anônimos. Já no século XVII, as marcas passaram a refletir “[...] a paixão da sociedade pelo exotismo associada a uma certa nostalgia pela simbologia medieval [...]” (MACHADO, 2014, p. 18). O autor destaca que o retrato do titular realçado por um dístico torna-se uma gravura comum entre as famílias de nobres e membros do clero, e, nesta época, o termo ex-líbris ainda não havia se consolidado, apesar de estar presente nos exemplares, havendo a preferência pela utilização das expressões *ex museo* e *ex bibliotheca* para marcar a propriedade (MACHADO, 2014).

Para Bruchard (2008), o século XVIII pode ser considerado a idade de ouro dos ex-líbris. A autora explica que os ex-líbris sobreviveram até mesmo à Revolução Francesa, se estabelecendo cada vez mais, mesmo quando as bibliotecas começaram a trocar de donos, passando da aristocracia para a burguesia. Machado (2014) destaca que, no século XVIII, além do surgimento de várias bibliotecas, o costume de marcar a propriedade nos livros se proliferou por todas as classes sociais, pois possuí-los em casa, mesmo sem lê-los, passou a ser um sinal de status e requinte espiritual.

Os grandes e pequenos senhores, as damas e princesas, todos tinham o seu ex-libris que, para além dos brasões e escudos, já procurava, não raro numa verdadeira profusão de laços, louros, tochas carregadas por amores, pombos e cestos floridos, retratar as predileções do dono, como assuntos históricos, poéticos ou alegorias”. (BRUCHARD, 2008, p. 14)

No século XIX, a representação heráldica, até então muito utilizada nos ex-líbris, começou a ser abolida, em consonância com as transformações sociais da época, sobretudo, no campo da arte da gravura, que agora contava com novas técnicas de impressão, a exemplo da heliogravura, zincografia e similitravura, e permitiam reproduções rápidas a baixo custo (MACHADO, 2014). Bruchard (2008) informa que, nesse século, os ex-líbris passaram a ser muito utilizados por bibliófilos e profissionais liberais, que reproduziam nas vinhetas as “[...] marcas do seu ofício e

outros emblemas de significado ideológico ou afetivo” (BRUCHARD, 2008, p. 14). A autora diz que isso possibilitou o surgimento de classificações por temas que até hoje são utilizadas: heráldicos, paisagísticos, simbólicos, eclesiásticos, eróticos, humorísticos etc. (BRUCHARD, 2008).

No final do século XIX, o ex-líbris “[...] deixa de ser apenas um objeto funcional, de interesse pessoal, com qualidades artísticas, e adquire valor e significado em si: torna-se objeto de estudo e de desejo, objeto de coleção” (BRUCHARD, 2008, p. 15). Esteves (1954), Bezerra (2006) e Bruchard (2008) apontam que são dessa época os primeiros estudos publicados sobre os ex-líbris. O primeiro livro sobre o assunto, *Les ex libris français*, publicado em 1874, é de autoria de A. Poulet-Malassis. Esteves (1954) indica que, hoje em dia, já existem muitos estudos sobre o assunto, mas pelo descaso durante séculos, ele demorou a ter sua história conhecida de todos. Aparecem, a partir daí, os primeiros clubes e associações de ex-librismo na Inglaterra, Alemanha e França.

No entanto, em virtude de passar a ser fabricado em série para atender a grande demanda da época, o ex-líbris passou a ser muito popularizado, ocasionando uma perda no valor e no interesse das pessoas. Sobre isso, Bruchard (2008, p. 15) ressalta que, “ao mesmo tempo em que era melhor compreendido e apreciado, acrescentando inclusive valor comercial ao livro, o ex-libris começa a perder do seu prestígio por conta da banalização”.

No século XX, os temas utilizados nas artes dos ex-líbris tentaram se aproximar da vida cotidiana. Surgiram os ex-líbris infantis e novos símbolos, além do ressurgimento dos brasões (MACHADO, 2014).

Os motivos gravados, portanto, foram sendo modificados conforme a época.

Os exemplares heráldicos dos séculos XVI, XVII e XVIII demonstram a gravidade com que se ostentavam, à época, símbolos de nobreza, de honrarias, de reverência pelo poder real e eclesiástico. O rompimento com essa mentalidade pode-se ver nos exemplares dos séculos XIX e XX, reflexos de uma sociedade industrial, cética, em busca de liberdade social e espiritual e de renovação artística”. (MACHADO, 2014, p. 10)

Ainda segundo Machado (2014), o ano de 1920 representa o nascimento do ex-líbris moderno, quando os artistas buscaram ter mais liberdade em suas criações. “Cansados dos anos de guerra, embriagados de liberdade, os artistas se recusam a seguir quaisquer regras ou leis artísticas. A deusa do dia é a fantasia” (MACHADO,

2014, p. 29). Nesta época, as reuniões das sociedades de ex-librismo são retomadas e exposições são organizadas. Para o autor, a xilogravura retorna como a técnica mais adequada para se fazer um ex-líbris. Após a 2ª guerra mundial, com a criação de sociedades especializadas, o ex-líbris adentra em uma nova fase, mas após os anos 60, há uma diminuição do número de colecionadores, apesar de a atividade continuar forte na Europa (MACHADO, 2014).

Atualmente, diversos eventos são realizados e há um intenso comércio por meio da internet, com ex-líbris negociados por um alto preço (MACHADO, 2014). Diversas entidades relacionadas à ex-librística ainda estão ativas.

Subsistem, contudo, mundo afora, diversas associações dedicadas ao estudo e colecionismo desse pequeno objeto que ainda apaixona especialistas e leigos pelo inegável prazer estético que proporciona e pelo tanto de subsídios que oferece para o estudo da história, da gravura, dos costumes, da bibliografia, da heráldica - a história do ex-libris integra, de fato, tanto a história da arte como a história do livro, sendo inesgotável fonte de interesse para ambas. (BRUCHARD, 2008, p. 15)

Com relação às entidades, podemos citar a inglesa *The Bookplate Society*, uma importante associação de colecionadores e artistas de ex-líbris; a *American Society of Bookplate Collectors & Designers* (ASBC&D), com sede no Arizona, Estados Unidos, que realiza eventos periódicos; e a *Fédération Internationale des Sociétés d'Amateurs d'Ex-Libris* (FISAE), bastante influente no mundo e responsável por organizar congressos internacionais sobre ex-líbris a cada dois anos. Havia um evento programado para 2020, que seria realizado em Cambridge, Reino Unido, mas precisou ser cancelado devido à pandemia de Covid-19. No site, há muita informação sobre o assunto e, inclusive, há uma relação de todas as entidades que são membros da FISAE no mundo, relacionadas por país.

### 6.1.1 O ex-líbris no Brasil

No Brasil, os ex-líbris foram uma febre entre instituições e bibliófilos até meados do século XX. Praticamente esquecidos, a prática encontrou novos adeptos na atualidade.

A história do ex-líbris no Brasil se inicia no final do século XVIII, sendo o primeiro o de Manuel de Abreu Guimarães (Figura 8), “[...] rico e culto cidadão, que residia na antiga cidade mineira de Sabará - Vila Real de Nossa Senhora da

Conceição de Sabará do Rio das Velhas” (BEZERRA, 2006, p. 132). Machado (2014) diz que, por essa época, também havia o de D. Isabel de Menezes, datado de 1798. O autor explica que, com exceção desses dois casos, os demais ex-líbris existentes no país eram de origem portuguesa, pois pertenciam a bibliotecas particulares de nobres que acompanharam D. João VI em sua viagem ao Rio de Janeiro, além de exemplares existentes na própria Real Biblioteca (MACHADO, 2014).

Figura 8 – Ex-líbris de Manuel de Abreu Guimarães



Fonte: Machado (2014, p. 57).

A popularização do uso das marcas de propriedade em solo brasileiro veio a partir de 1870, quando alguns nobres do país encomendaram a confecção de seus ex-líbris à Casa Agry, de Paris, sendo o mais belo já confeccionado o da Viscondessa de Cavalcanti (MACHADO, 2014).

O primeiro colecionador brasileiro foi o Barão do Rio Branco, já no final do século XIX, que trouxe o costume da Inglaterra. Seu ex-líbris, conforme Machado (2014) indica, também havia sido confeccionado pela Casa Agry, de Paris.

A história começa na Inglaterra, em 1876, quando José Maria da Silva Paranhos Júnior inicia a sua carreira diplomática como cônsul do Brasil em Liverpool. Incorporando-se àquela sociedade de costumes tão diversos da brasileira, o futuro Barão do Rio Branco acumulou experiências humanas e absorveu malícias políticas, desenvolvendo novos hábitos e interesses, entre os quais o de colecionar ex-libris. (MACHADO, 2014, p. 10)

Bruchard (2008) e Machado (2014) informam que vários homens públicos tiveram o seu exemplar, destacando os nomes de Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Oswaldo Cruz, José Maria da Silva Paranhos, Barão Homem de Melo e Alfredo Pujol.

Machado (2014, p. 61) comenta que no início do século XX, “[...] o uso do ex-líbris ainda está restrito a uma minoria, desconhecido pelo público e menosprezado pelos intelectuais”. O autor indica que houve um interesse maior em adotar a prática em acervos particulares após algumas instituições culturais utilizarem as marcas em seus acervos, a exemplo da Biblioteca Nacional (Figura 9), que teve seu ex-líbris encomendado ao artista Eliseu Visconti, pelo então diretor Manuel Cícero Peregrino da Silva, em 1903. A partir de 1910, começou a ser adotado por importantes intelectuais da época (MACHADO, 2014).

Figura 9 – Ex-líbris da Biblioteca Nacional



Fonte: Biblioteca Pública do Paraná (2002, p. 49).

A prática, no entanto, foi perdendo forças a partir de 1960, embora tenha resistido por meio de artistas e apreciadores. Bruchard (2008) cita os esforços de Jorge de Oliveira, um dos remanescentes criadores em atividade no Brasil e de algumas bibliotecas que se preocupam em preservar coleções de ex-líbris.

Ao longo do século XX, existiram diversas entidades relacionadas ao ex-librismo no país, especialmente formada por colecionadores e artistas, não estando mais atuantes.

Há importantes coleções de ex-líbris, especialmente em bibliotecas públicas e universitárias. O acervo de obras raras e especiais da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (UnB) foi assunto do livro *Ex libris: pequeno objeto do desejo*, de Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo, docente daquela universidade. Na obra, ela traz uma vasta pesquisa sobre os ex-líbris e apresenta diversos exemplares,

sobretudo, os disponíveis no acervo da UnB. Da mesma forma, a Biblioteca Pública do Paraná organizou em 2006 uma importante exposição sobre os ex-líbris de seu acervo. Antes da exposição ser inaugurada, a biblioteca já havia publicado um catálogo denominado *Ex-Libris - Coleção Biblioteca Pública do Paraná*, em 2002.

Na atualidade, diversas instituições brasileiras vêm promovendo exposições sobre essa pequena marca de propriedade, especialmente bibliotecas universitárias e museus, como é possível verificar na relação de eventos disponíveis no site *Caçadora de Ex-líbris* (2020), que reúne vasta informação a respeito e tem difundido a prática do ex-líbris pelo país.

## 6.2 Características

Muitos autores mencionam que o uso do ex-líbris é uma verdadeira prova de amor aos livros. Colar as marcas de propriedade nos exemplares possibilita que se consiga mapear posteriormente a trajetória de um livro e reunir coleções fundadoras de bibliotecas.

Bezerra (2006) explica que o ex-líbris é a representação gráfica materializada do pensamento do seu detentor. Assim, bibliófilos e demais proprietários de acervos buscavam por marcas de propriedade que representassem a sua essência. Para isso, contratavam renomados artistas para a sua produção. Bertinazzo (2012), indica que a feitura dessas marcas se constitui como um dos poucos momentos em que há uma colaboração harmônica entre o encomendador do trabalho e o artista que o realiza.

Para Bruchard (2008), o fato de a produção dos ex-líbris perpassar pelas técnicas da gravura, possibilita que eles sejam vistos como obras de arte, seguindo, portanto, os mesmos critérios estabelecidos para a iconografia. A autora destaca que o valor da marca é estabelecido conforme o renome do artista que o produziu e seu tamanho gira em torno de 13 centímetros de altura ou largura (BRUCHARD, 2008).

Devido aos livros passarem por diversos proprietários ao longo dos anos, algumas regras devem ser observadas. Sobre isso, Bezerra ensina que:

em obra adquirida com ex-líbris de dono anterior, deverá o atual proprietário colar o seu à direita do já encontrado. E isso tantas vezes quantas a obra houver mudado de possuidor. É fantástico manusear um livro que contenha várias dessas etiquetas, as quais mostram épocas, costumes, personalidades, formas de arte, religiões, e, não raro, continentes, línguas e civilizações diferentes. (BEZERRA, 2006, p. 137)

Há muitas maneiras de classificar os ex-líbris, não havendo consenso entre os pesquisadores sobre uma forma principal. Vian e Rodrigues (2020) explicam que, de modo geral, os ex-líbris podem ser reunidos a partir de algumas características: “[...] por temática, por técnica de reprodução, por época de produção, de acordo com a sua evolução histórico-estilística, entre outros aspectos” (VIAN; RODRIGUES, 2020, p. 37).

Quanto às técnicas de produção, Bezerra (2006) esclarece que as principais utilizadas na feitura do ex-líbris são: zincografia, buril, xilogravura e água-forte.

Quanto à temática, Vian e Rodrigues (2020) informam que existe uma grande variedade utilizada, sendo as principais encontradas na literatura: “heráldicos, simbólicos, etiquetas, paisagísticos e mistos” (VIAN; RODRIGUES, 2020, p. 47). As autoras, no entanto, constataram em seus estudos que existem muitas outras temáticas, que listamos a seguir: heráldicos ou armoriados; simbólicos ou alegóricos; paisagísticos; que contém ameaças; humorísticos; macabros; livrescos; mitológicos; com temas infantis; femininos; eróticos; musicais; religiosos, hieráticos ou eclesiásticos; faunísticos ou com temática animal; profissionais ou científicos; surrealistas; com temas mistos; militares; maçônicos; judaicos; fraternos; náuticos; que contém retratos; com temas arquitetônicos ou topológicos; conjugais; com tema relacionado a lendas populares; com temáticas alpinistas; com temática de passatempo ou hobby; com temática teatral/circense; com temática de pescaria; póstumos ou em memória; atribuídos; virtuais comemorativos / em homenagem; literários e históricos; monogramáticos; e falantes (VIAN E RODRIGUES, 2020).

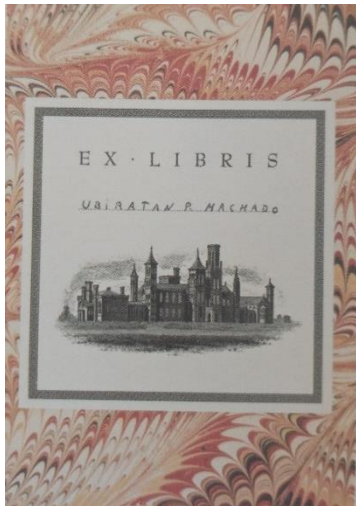
Machado (2014) aponta que há, ainda, outras formas de ex-líbris que diferem do modelo tradicional de etiqueta de papel com gravura colada no livro. Com relação a essas formas diferentes, Bertinazzo (2012, p. 52), explica que os primeiros ex-líbris eram apenas manuscritos “[...] com o nome ou monograma da pessoa ou entidade [...], ou com uma frase mais ou menos extensa, em que se declarava quem era o dono do exemplar [...]”, passando-se ao impresso no decorrer do século XV. Machado (2014) diz que eles podem ser chamados também de *ex dono*. Para o autor:

A assinatura é uma das mais antigas e simples forma de atestar a propriedade de um livro [...]. Essa marca de posse, chamada de *ex dono* (do seu dono, em português), inclui também frases e textos curtos manuscritos, complementares à assinatura ou independentes. (MACHADO, 2014, p. 32)

Machado (2014) informa que um dos ex-líbris manuscritos mais antigos que se tem notícia está em um códice do século XI que atualmente faz parte da coleção da Biblioteca Ambrosiana, em Milão. O autor ainda reforça que o ex-líbris manuscrito continua muito vivo, sendo o método mais utilizado atualmente pelas pessoas para indicar a propriedade de seus livros. “Quem quiser comprovar é só folhear livros num sebo, onde um número razoável de exemplares traz a assinatura de seus antigos donos e, bem mais raro, alguma frase de efeito, que podemos, sem preconceito, chamar de divisa” (MACHADO, 2014, p. 37).

Outra forma muito comum é o ex-líbris universal (Figura 10). Surgido em Nuremberg, em 1489, ele é uma etiqueta solta que pode ser utilizada por qualquer pessoa e colada em qualquer livro, pois não é nominativo (MACHADO, 2014). Neste tipo de ex-líbris, há um espaço em branco na gravura para que o nome do proprietário seja inserido. Machado (2014), indica, ainda, que muitas instituições culturais, a exemplo do Smithsonian Institution, costumam colar ex-líbris universais nos livros vendidos em suas lojas.

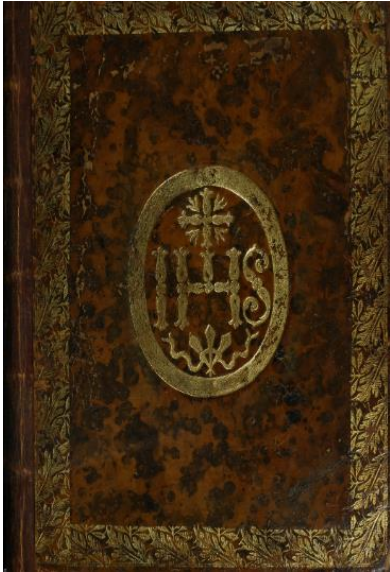
Figura 10 – Ex-líbris universal fornecido pelo Smithsonian Institution



Fonte: Machado (2014, p. 37)

Quanto ao *super libris* (Figura 11), também chamado de super libro, super ex-líbris, ou ex-líbris exterior, Vian e Rodrigues (2020, p. 44) o define como: “[...] brasões e monogramas, encontrados geralmente na capa frontal, ou na lombada de um livro; podem ser gravados, pintados ou decalcados, em ouro, prata ou policromia”.

Figura 11 – Super libris da Companhia de Jesus



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Outra forma encontrada, sobretudo em bibliotecas eclesiásticas, são as marcas de fogo (Figura 12). Machado (2014) explica que no século XVII, o grande número de furtos de livros levou as instituições religiosas a marcarem seus exemplares a fogo. Vian e Rodrigues (2020) indicam que a prática acontecia principalmente no México.

Naquela época, os livros em geral eram imensos, a encadernação feita de pasta de madeira, recoberta de pele, o papel grosso e resistente. Dessa forma, o ferro em brasa, aplicado nas bordas do livro, não causava maiores danos à sua integridade e nem prejudicava o texto ou as gravuras. (MACHADO, 2014, p. 39)

Figura 12 – Marca de fogo



Fonte: Machado (2014, p. 39).

Para Bertinazzo (2012), os carimbos, amplamente utilizados atualmente para marcar os livros, também podem ser considerados ex-líbris. Machado (2014) aponta que os carimbos podem ser considerados uma das mais antigas marcas de posse. O autor explica que a marca foi usada desde os Assírios, em suas placas de terracota, e hoje há dois tipos distintos: o seco e o úmido (MACHADO, 2014).

Machado (2014) ainda destaca que, no Brasil, o carimbo é usado desde o século XVIII, sendo identificado como marca principal da biblioteca Colégio dos Jesuítas. Foi utilizado também para marcar os livros da Real Biblioteca, trazida de Portugal por D. João VI.

Na atualidade, tem acontecido um movimento de popularização dos ex-líbris do tipo carimbo, que podem ser facilmente encontrados à venda na Internet. Nas lojas virtuais, há vários modelos de ilustração preestabelecidos, nos quais são acrescentados os nomes dos compradores.

Como dito anteriormente, os ex-líbris estão muito presentes nos acervos. Em seguida, será apresentado um importante acervo que possui uma grande quantidade de ex-líbris em seus exemplares.

## 7 A BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) é uma das bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP) e está ligada administrativamente à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. Está localizada no campus da USP da capital, no bairro Butantã, e integra o Espaço Brasileira USP, juntamente com o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), a livraria João Alexandre Barbosa, da Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) e o Auditório István Jancsó (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]b).

Constituída ao longo de 80 anos de colecionismo, a biblioteca foi doada à Universidade de São Paulo por um dos maiores bibliófilos do Brasil, José Mindlin, juntamente com sua esposa, Guita Mindlin, e filhos. É constituída por uma importante Coleção Brasileira, formada, em grande parte, por obras raras. Parte do acervo doado por José Mindlin pertenceu ao bibliotecário e bibliófilo Rubens Borba de Moraes (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]b).

Apesar de ter sido criada em janeiro de 2005 no âmbito da USP, foi necessária a construção de um prédio que abrigasse o importante acervo que estava por vir, respeitando as condições necessárias de segurança e conservação preventiva, de forma a preservar a coleção para a posteridade. Assim, o prédio foi inaugurado na USP somente em março de 2013 (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]b). Santos (2019) ressalta que a construção do prédio foi uma condição imposta por José Mindlin, somada a uma segunda: que o acervo doado fosse totalmente digitalizado.

Antevendo o fim de sua vida e preocupado com o destino de sua Biblioteca, foi Mindlin que teve a iniciativa de aproximar-se da USP, propondo a doação de sua estimada Brasileira; no entanto, para esse intento, ele impôs duas condições valiosas: a construção de um prédio para abrigar esse acervo e a digitalização integral do mesmo. (SANTOS, 2019, p. 17)

O edifício (Figura 13), projetado pelos escritórios dos arquitetos Eduardo de Almeida e Rodrigo Mindlin Loeb, foi inspirado em conceituadas bibliotecas estrangeiras, como a *Beinecke Rare Book & Manuscript Library*, da Universidade de Yale, Estados Unidos, e a *Biblioteca Sainte-Geneviève*, na França. Para definir as diretrizes de conservação das obras, a *Library of Congress*, de Washington, foi consultada (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]b).

Figura 13 – Edifício da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin



Fonte: A autora.

Santos (2019, p. 17) ainda destaca o importante papel de Guita Mindlin, esposa de José Mindlin: “[...] sempre o encorajou a expandir o seu acervo, tendo ela, também, papel fundamental na preservação desse patrimônio, já que era restauradora”. Seus interesses em relação à conservação e restauração de livros a levaram a criar a Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (ABER).

Antunes (2015, p. 111), observa que mesmo estando localizada dentro de uma universidade e tendo que propiciar informação e acesso ao conhecimento, uma biblioteca formada por uma coleção especial não compartilha exatamente a mesma missão que uma biblioteca universitária, uma vez que obras raras ou especiais não podem ser facilmente adquiridas, substituídas ou descartadas como em uma coleção geral. Essa diferença existente entre as coleções faz com que a BBM demande de muito mais cuidados com o acervo, especialmente em relação à conservação e à segurança.

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin possui um regimento disposto na Resolução nº 7167, de 16 de fevereiro de 2016, da USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2016). O referido regimento diz que a biblioteca é um centro interdisciplinar de documentação, pesquisa e difusão científica de estudos brasileiros, sendo suas finalidades: conservar e divulgar o acervo e facilitar o seu acesso a estudantes e pesquisadores; proporcionar irrestrito acesso de seu acervo digital ao público em geral; e promover a disseminação de estudos de assuntos brasileiros por meio de programas e projetos específicos (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2016).

## 7.1 Coleção Brasileira

Como o próprio nome sugere, a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin é formada por uma Coleção Brasileira.

Coleção Brasileira foi uma definição técnica dada por Rubens Borba de Moraes, estando contida na Instrução Normativa nº 01, de 11 de junho de 2007, do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), alterada posteriormente pela Instrução Normativa nº 01, de 12 de janeiro de 2017, que dispõem sobre o Cadastro Especial dos Negociantes de Antiguidades, de Obras de Arte de Qualquer Natureza, de Manuscritos e Livros Antigos ou Raros.

[...] Coleção Brasileira: livros sobre o Brasil – no todo ou em parte, impressos ou gravados desde o século XVI até o final do século XIX (1900 inclusive), e os livros de autores brasileiros impressos ou gravados no estrangeiro até 1808. (BRASIL, 2007, sem paginação)

Na mesma instrução normativa, há uma referência ao que vem a ser uma Coleção Brasiliense. Livros enquadrados nesta categoria também estão disponíveis no acervo da BBM.

[...] Coleção Brasiliense: livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias, que tenham valor bibliofílico: edições da tipografia régia, primeiras edições por unidades federativas, edições príncipes, primitivas ou originais e edições em vida – literárias, técnicas e científicas; edições fora de mercado, produzidas por subscrição; edições de artista. (BRASIL, 2007, sem paginação)

Sobre as definições, Moraes (2018, p. 222) explica que “[...] não se considera Brasileira o que não é procurado pelos bibliófilos”. Esta, portanto, é uma definição que surgiu do âmbito do colecionismo, mas que se manteve nos acervos das instituições. No país, a Biblioteca Nacional tem a Brasileira como uma de suas importantes coleções formadoras (BIBLIOTECA NACIONAL, 2010). A Brasileira da BBM é considerada a mais importante coleção do gênero formada por particulares, sendo reconhecida no mundo inteiro (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]b).

Apesar dos conceitos de Rubens Borba de Moraes, os colecionadores especializados tendem a também considerar como Coleção Brasileira grande parte do que está contido na definição de Brasiliense (BIBLIOTECA NACIONAL, 2010). Este é o caso da BBM, que leva o nome de Brasileira, mas que contém muitos exemplares de Brasiliense.

Não há dúvidas sobre a importância histórica que uma coleção Brasileira tem para o Brasil. Hallewell (2017) diz que ela foi reconhecida como “[...] o mais completo repositório de informações sobre o Brasil, suas origens, sua formação, sua vida em todos os campos. [...] Pode ser considerada umas das primeiras manifestações do novo interesse pelo Brasil e por sua herança [...]” (HALLEWELL, 2017, p. 420).

A *Bibliographia Brasiliiana*, de Rubens Borba de Moares, é a principal obra de referência que trata de livros raros sobre o Brasil. Ela é bastante utilizada por bibliotecários, pesquisadores, bibliófilos e livreiros.

Moraes (2018) indica que não existe uma coleção Brasileira completa no mundo. As coleções existentes nas mais diversas instituições se complementam, pois, por se tratar de exemplares raros e, portanto, escassos, alguns estão disponíveis em poucos acervos, não havendo alternativas para a aquisição.

Um bibliófilo deve, portanto, logo de início, saber que nunca poderá possuir uma coleção completa [...]. Sempre lhe faltará um ou outro livro que ele conhece, que já viu, mas que não consegue adquirir. É nisso que está, justamente, o interesse de colecionar. (MORAES, 2018, p. 224)

Na atualidade, o conceito de Brasileira vem sendo discutido por pesquisadores, a exemplo do Seminário Internacional *Brasiliiana, Brasilianas: colecionismo, bibliotecas, pesquisa e identidades nacionais*, ocorrido na USP, em fevereiro de 2022, que propôs “[...] uma reflexão sobre o efeito multiplicador das Brasilianas em um mundo conectado e sobre as múltiplas relações que se colocam entre colecionismo, bibliotecas, pesquisa e identidades nacionais” (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2022?], sem paginação).

## 7.2 O acervo físico

Conforme Kano, Lopez e Garcia (2021), José Mindlin não idealizava estruturar uma biblioteca, mas isso foi se desenvolvendo em virtude de seu interesse por temas relacionados ao Brasil ao adquirir exemplares que inicialmente ele desconhecia serem raros. Segundo os autores, “[...] a formação das coleções desenvolveu-se através dos assuntos que lhe atraíam [...]. No entanto, o seu interesse mais constante era a respeito de temas brasileiros, especialmente literatura, história e viagens” (KANO; LOPEZ; GARCIA, 2021, p. 102).

Aos treze anos, Mindlin adquiriu seu primeiro livro, *Discurso sobre a História Universal*, de Bossuet, publicado em 1740, em Coimbra (MINDLIN, 2008). Um ano após, ganhou de uma tia um exemplar de *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, ficando fascinado. Foi então que iniciou a busca pelas obras indicadas na bibliografia daquele livro, com o intuito de formar uma biblioteca Brasileira (MINDLIN, 2008).

[...] José Mindlin adquiria seus livros analisando e buscando em catálogos e bibliografias o que lhe interessava; em visitas a bibliotecas; livrarias e sebos de diversas partes do mundo; leilões e doações de amigos e pessoas com quem tinha alguma relação ou vínculo relacionado à bibliofilia (autores, editores e pesquisadores renomados). (KANO; LOPEZ; GARCIA, 2021, p. 102)

O acervo doado à USP possui cerca de 32.000 títulos, o que corresponde a aproximadamente 60.000 volumes, abrangendo diversas áreas de estudos brasileiros, como: obras da literatura brasileira, relatos de viagens, manuscritos históricos e literários (originais e provas tipográficas), periódicos, livros científicos e didáticos, iconografias (estampas e álbuns ilustrados) e livros de artistas. Possui um arquivo composto por documentos históricos diversos (KANO; LOPEZ; GARCIA, 2021; UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]b). Desses, cerca de 2.300 exemplares pertenceram a Rubens Borba de Moraes, que deixou sua biblioteca Brasileira com o casal de amigos José e Guita Mindlin (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a).

Antunes (2015, p. 106), diz que Rubens Borba de Moraes deixou para José Mindlin uma Brasileira “[...] composta por livros, documentos e manuscritos, que cobrem um período que vai desde o século XVII até meados do século XX”. Segundo a autora, podem ser encontradas nesta coleção:

[...] as principais obras da Impressão Régia, bem como obras do Arco do Cego, de literatura brasileira, de medicina, de legislação portuguesa e brasileira, sermões e orações e também algumas obras editadas por Rubens no século XX. Além disso, como o bibliófilo participou da Semana de Arte Moderna, seu acervo possui também as primeiras edições do Modernismo brasileiro, com dedicatórias. Praticamente todos os livros estão encadernados, muitos deles com fabulosos exemplos de encadernações coloniais e imperiais brasileiras. (ANTUNES, 2015, p. 106-107).

A BBM está organizada em quatro vertentes principais: “[...] assuntos brasileiros, literatura em geral, livros de arte, e livros como objeto de arte em virtude de seus traços tipográficos, de sua diagramação, ilustração, encadernação etc.”

(UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]b, sem paginação). De acordo com Antunes (2015), de modo geral, a biblioteca contém: obras da Tipografia do Arco do Cego; obras da Imprensa Régia e das primeiras tipografias brasileiras; obras relacionadas à legislação; jornais e revistas desde o século XIX até a atualidade; almanaques; obras de jesuítas e religiosas; documentação referente à Província Cisplatina; além de obras sobre a Guerra do Paraguai, escravidão, imigração, povos originários, exposições universais, culinária, agricultura, botânica, zoologia, literatura brasileira desde o século XVIII até os dias atuais, arte e livros como objetos de arte (ANTUNES, 2015).

O acervo é composto por manuscritos históricos, originais de obras literárias manuscritas ou datiloscritas, edições de tiragens limitadas e numeradas, folhetos, periódicos, correspondências, fotografias avulsas e álbuns, e edições correntes raras ou não (ANTUNES, 2015).

Os livros estão distribuídos em três mezaninos (Figura 14), chamados internamente de anéis. É interessante destacar que os exemplares estão dispostos da mesma maneira que estavam na casa de José Mindlin, seguindo a mesma ordem na estante. Sobre isso, Santos (2019) explica como seu deus o transporte dos livros da casa de José Mindlin para a USP: “[...] houve toda uma logística adequada e muito cuidado para que nada se extraviasse ou danificasse e para que não houvesse uma dissociação da ordem como cada item apresentava-se nas estantes do bibliófilo” (SANTOS, 2019, p. 17).

Figura 14 – Vista do interior da biblioteca



Fonte: A autora

Em termos de infraestrutura, visando a preservação e a divulgação do acervo, a BBM possui uma reserva técnica com capacidade para 90.000 itens, criada para acondicionar uma expansão do acervo, além de um laboratório de conservação preventiva e um de digitalização devidamente equipados (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]b).

A seguir, serão apresentados alguns aspectos sobre o tratamento técnico do acervo para embasar o levantamento de dados que será feito no capítulo seguinte.

### 7.3 O tratamento técnico do acervo

O tratamento técnico será abordado aqui, não com o intuito de aprofundar a temática, mas para conhecer de que forma os registros são feitos, dada a importância de haver referências às marcas de proveniência bibliográfica no catálogo.

Santos (2019), explica que não havia um profissional bibliotecário atuando na casa de José Mindlin antes do acervo ser doado à USP e, portanto, os livros não estavam devidamente tratados tecnicamente. Ainda segundo o autor, o acervo particular foi descrito no programa WinISIS, desenvolvido pela Unesco, por funcionários do bibliófilo que atuavam no acervo, “[...] sem qualquer identificação individual, apresentando-se catalogado somente em prateleiras e estantes sem uso de nenhuma ferramenta classificadora (livro X encontra-se na estante Y prateleira W)” (SANTOS, 2019, p. 17).

[...] O tratamento e a organização bibliográfica das obras eram realizados por um funcionário (não bibliotecário) e arranjadas por grandes temas: Jesuítas, Viagens, Literatura, História, Artes etc. Procurava-se manter próximas as obras de mesma autoria, ou as várias edições de uma mesma obra, ou ainda, a organização baseava-se pelo tamanho dos exemplares. Havia um catálogo rudimentar tanto em fichas, como em base WinISIS. (KANO; LOPEZ; GARCIA, 2021, p. 138)

Quando a biblioteca foi transferida para a USP, o catálogo foi migrado do programa WinISIS para o Aleph, utilizado na universidade, ocasião em que muitos registros precisaram ser corrigidos e adequados (SANTOS, 2019). O processo de correção ainda está em andamento e, por este motivo, há registros incompletos no catálogo. A correção possibilitará um trabalho mais focado com as marcas de proveniência do acervo, movimento que vem ocorrendo em bibliotecas de diversos países que possuem uma coleção especial de livros raros.

Na BBM, as referências sobre a presença de marcas de proveniência bibliográfica são inseridas no campo *nota local* do Aleph, que segue o formato MARC21. A catalogação é feita em primeiro nível.

A catalogação de um item raro requer conhecimentos específicos e leva mais tempo para ser concluída. É importante fazer a análise material do livro no momento da catalogação para ter uma descrição mais detalhada e aprofundada, pois, o fato de os livros serem muito visados por criminosos, é preciso adotar medidas que auxiliem a segurança. A análise material possibilitará a identificação de marcas únicas no exemplar, que o diferenciará dos demais de um mesmo título.

Atualmente, é possível identificar diversas dessas marcas em uma simples consulta ao acervo digital da instituição.

#### **7.4 O acervo digital**

Conforme mencionado anteriormente, uma das condições de José Mindlin para a doação de sua biblioteca à USP foi a disponibilização integral do acervo ao público por meio digital. A digitalização do acervo físico de uma coleção especial visa principalmente a conservação do patrimônio bibliográfico, além de permitir o acesso às obras, função precípua de uma biblioteca.

Sobre a formação da biblioteca digital, chamada de BBM Digital, Puntoni (2007, p. 54 *apud* ARAÚJO, 2017, p. 93), explica que ela parte de alguns princípios fundamentais: “[...] deve se nortear pelo seu uso esperado: a pesquisa científica e a investigação interessada; a educação formal e informal; o desejo de conhecimento de formação dos cidadãos”.

[...] Não se trata de propor aqui uma biblioteca de obras-raras, e tampouco uma biblioteca ancorada numa realidade patrimonial. Afastando-se de um paradigma custodial, o projeto procura construir uma biblioteca-referência, que se torne rapidamente um instrumento de trabalho e de investigação. [...] Sendo assim, a Biblioteca Brasileira Digital se oferece como um instrumento de multiplicação, de universalização de acesso, de democratização de meios que permitem uma formulação mais sólida da memória nacional e uma reflexão ampliada sobre a cultura brasileira. (PUNTONI, 2007, p. 54 *apud* ARAÚJO, 2017, p. 93).

A biblioteca digital, portanto, democratiza o conhecimento, possibilitando que qualquer interessado tenha acesso remoto aos títulos que normalmente só poderiam

ser consultados de maneira presencial. Além disso, ela é essencial para diminuir o manuseio das obras, permitindo a preservação do material.

Antunes (2015, p. 111), ao comentar sobre as bibliotecas de livros antigos e raros, diz que “[...] o compromisso de mantê-los acessíveis a usuários no tempo presente e, por extensão, projetá-los no futuro, torna a tarefa de gerir essas bibliotecas complexa, delicada e até mesmo conflitante, embora fascinante”. De fato, é um grande desafio dar a esses acervos as condições necessárias quando, muitas vezes, por estarem em instituições públicas, possuem recursos financeiros escassos.

A primeira versão da BBM Digital foi disponibilizada on-line em 2009. Para o projeto, Garcia (2019, p. 113) ressalta que máquinas robotizadas foram adquiridas para a digitalização dos livros, bem como “[...] softwares para o tratamento, edição e compactação das imagens, reconhecimento óptico de caracteres (OCR-VII) e geração de versões em PDF, além de servidores para a instalação das aplicações e armazenamento das imagens”. Em complemento, uma equipe técnica foi alocada no projeto (GARCIA, 2019).

O processo de digitalização de obras raras é mais complexo e lento, necessitando de máquinas específicas para este fim. Santos (2019) explica que, no início, os livros eram digitalizados por meio de um processo mais simples, pois havia urgência em disponibilizá-los para consulta pública. “[...] A tecnologia anterior permitia a visualização dos documentos somente em preto e branco, o que furtava a contemplação da singularidade da obra original” (SANTOS, 2019, p. 20).

A International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) norteia as instituições quanto à digitalização de seus acervos raros e especiais por meio do documento *Diretrizes para planejamento de digitalização de livros raros e coleções especiais*, elaborado pela Seção de Livros Raros e Coleções Especiais da referida federação. No capítulo *Procedimentos para a criação da coleção digital*, em relação ao processo de digitalização e sobre a fidedignidade ao original, ela dá a seguinte orientação:

Nos processos de digitalização de materiais raros e únicos é importante conservar e recriar, tanto quanto possível, o aspecto material do objeto original. Assim, a captura deve ser do objeto físico inteiro e não apenas de seu conteúdo intelectual. Por isso, é necessário fotografar páginas completas frente e verso (incluindo as margens) e ter o cuidado de não cortar imagens que possam se encontrar nas margens. Os volumes encadernados devem ser digitalizados capa a capa, incluindo as folhas de guarda, as folhas em branco e as encadernações (estas últimas com as pastas superior e

inferior, a lombada, seixas e cortes – superior, inferior e lateral). Seja qual for o formato escolhido, a obra deve ser reproduzida integralmente. Por outro lado, elementos especiais (como as marcas d'água), são em geral digitalizados por um procedimento diferente e, com frequência são inseridos ao final da sequência ou como um arquivo independente (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2015, p.14)

Seguindo as orientações descritas acima, o processo atual de digitalização da BBM permite que a imagem do livro seja disponibilizada com muita fidelidade ao original, possibilitando que o consulente observe as marcas presentes no exemplar, o que possibilitou esta pesquisa. Esse processo exige muita experiência do operador, pois é necessário manusear as obras com todo o cuidado, de forma a não as danificar. Sobre isso, Santos (2019, p. 21) complementa:

Sendo a BBM detentora de extenso acervo de obras raras, seu processo de seleção tende a ser deveras meticuloso, em razão de possuir documentos que datam desde o século XVI. Por serem documentos antigos e raros, a digitalização dessas obras torna-se lenta e cautelosa, visando minimizar os riscos de danos. Cada caso é analisado, minuciosamente, pela equipe de restauro e conservação, como também pela equipe de digitalização. (SANTOS, 2019, p. 21)

A BBM Digital possui atualmente cerca de 3.700 itens digitalizados, divididos entre livros, manuscritos, almanaques, cartas, periódicos, imagens, folhetos, mapas e obras de referência já em domínio público (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a). A digitalização continua em andamento e, como dito anteriormente, o intuito é digitalizar toda a biblioteca como forma de preservar os exemplares e promover a divulgação do acervo.

Considerando que não existe uma coleção Brasileira completa, a BBM possui parcerias internacionais com instituições detentoras de acervos similares, podendo ser destacado o convênio estabelecido com a Bibliothèque Nationale de France (BnF), visando a troca de objetos digitais, conforme é possível verificar no relatório de atividades de 2021, disponibilizado no site da instituição (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2021?]).

A BBM possui obras importantes em seu acervo digital, ricas do ponto de vista da materialidade do livro, o que será apresentado a seguir.

## 8. PANORAMA DE EX-LÍBRIS DA BBM DIGITAL

Com base no que foi explanado nos capítulos anteriores sobre a importância de se conhecer as marcas de proveniência como forma de promover a pesquisa no acervo, prática bastante utilizada em coleções de livros raros, propusemos fazer um levantamento de ex-líbris constantes nos livros do acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, a fim de se ter um panorama das marcas existentes. Para uma melhor compreensão, é importante resgatar algumas informações registradas anteriormente.

A primeira delas diz respeito ao tamanho do acervo da Biblioteca. O acervo físico possui cerca de 32.000 títulos, o que corresponde a cerca de 60.000 volumes. O acervo digital é composto por cerca de 3.700 itens digitalizados. Destes, 2.398 são de livros. É possível verificar, portanto, que o acervo de livros digitalizados corresponde a uma pequena parcela do acervo físico e o resultado deste levantamento não corresponde à totalidade de ex-líbris existentes na biblioteca.

Outra informação importante é referente aos procedimentos descritos no capítulo 3. Os 2.398 livros digitalizados foram ordenados por data de publicação. A contagem baseada nas informações do site indicou que havia apenas 2.092 livros disponíveis para acesso. Não foi possível averiguar o motivo de alguns livros aparecerem ocultos na contagem disponível por data de publicação, mas uma hipótese é de que isso ocorre em virtude de alguns deles não possuírem uma data exata de publicação, sendo indicado no momento da catalogação uma data aproximada, com uso de colchetes, o que pode dificultar o resultado de busca. Em cada período, foi respeitada a opção de ordenação dos registros por relevância, em ordem descendente, para que os mais relevantes aparecessem primeiro.

Considerando a hipótese indicada acima somada às inúmeras possibilidades do acervo físico, certamente existe uma quantidade muito superior de ex-líbris no acervo.

Dentre os 2.092 livros disponíveis, consideramos uma amostragem de 500 livros publicados no período de 1521 (data do livro mais antigo do acervo digital) ao ano de 1900. O período foi escolhido para corresponder à definição de Brasileira elaborada por Rubens Borba de Moraes, que considera para esta coleção, livros que datam desde o século XV até o final do século XVIII, incluindo o ano de 1900. O

número de itens selecionados para cada período de publicação pode ser verificado abaixo (Quadro 3):

Quadro 3 – Número de itens considerados para o levantamento por período de publicação

1521 a 1599	1600 a 1699	1700 a 1799	1800 a 1899	1900	TOTAL
12 itens	80 itens	106 itens	282 itens	20 itens	500 itens

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar de termos trabalhado apenas com uma amostragem, acreditamos que é possível, com ela, ter um panorama dos ex-líbris disponíveis no acervo digital e conhecer alguns exemplares. Para esses ex-líbris encontrados, também foram verificados os respectivos dados do catálogo, no sentido de confirmar se constavam informações sobre a existência das marcas. Verificamos que as informações relacionadas à materialidade dos livros estão inseridas no campo *nota local* do catálogo e referido campo foi devidamente observado.

O levantamento de dados realizado na BBM Digital está disponível no Apêndice A deste trabalho.

Apresentamos, a seguir, algumas considerações sobre o material encontrado.

### 8.1 Considerações sobre os ex-líbris encontrados

No levantamento realizado, de maneira geral, foram encontrados 496 ex-líbris, ainda que de forma repetida. As principais marcas serão expostas ao longo deste capítulo. Cabe ressaltar que não havia a pretensão de tipificá-las ou trazer muitas informações sobre cada uma delas, o que mesmo assim foi feito na medida do possível, considerando que a literatura sobre o assunto não é extensa.

Foram consideradas nesta contagem algumas marcas de proveniência como *ex museo* e *ex bibliotheca*, todos em livros dos séculos XVI e XVII, pois, conforme Machado (2014, p. 19), no século XVII esses termos eram mais utilizados.

A propriedade do *ex museo* (Figura 15) encontrado não foi identificada. Observa-se a expressão *animus non res*, que foi traduzida literalmente como: *a mente não sabe*. A etiqueta possui a forma arredondada com impressão em cor dourada. Há ainda as iniciais HVTHII.

Figura X – Exemplo de *Ex museo*



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Quantos aos exemplares de *ex biblioteca*, conforme a imagem abaixo (Figura 16), o primeiro possui a propriedade de J. W. Six. O segundo possui as iniciais BL (ou ainda RL), uma ilustração de coroa e a expressão *ducis brunsvicensis et luneburgensis*, traduzido como *Duque de Brunswick e Luneburg*.

Figura 16 – Exemplos de *Ex biblioteca*



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

É possível notar a diferença de cores entre os dois exemplares. Garcia (2019, p. 115), explica que as primeiras digitalizações feitas no âmbito da BBM eram “[...] próximas do aspecto de uma fotocópia, com grande perda de dados e das características do objeto original”. É nítido que hoje a qualidade de digitalização é bastante superior e as cores dos itens digitais são apresentadas com muita fidelidade às originais.

Diante disso, devido à diferença no processo de digitalização, é possível haver exemplares consultados em preto e branco com marcas de proveniência omitidas no momento da disponibilização.

Seguindo com as considerações, verificamos a presença de mais de um ex-libris em muitos exemplares do acervo digital (Figura 17). Por outro lado, em 111 itens, não havia nenhum.

Figura 17 – Disposição de vários ex-libris em um mesmo livro



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Em relação à propriedade dos ex-libris, 43 foi a quantidade total encontrada, representando 46 artes diferentes. Isso se deu porque 3 dos proprietários possuíam 2 exemplares distintos cada um, os casos de: Rubens Borba de Moraes, Eduardo Prado e Olyntho Sanmartin. As maiores ocorrências encontradas foram: José Mindlin, com 305; Rubens Borba de Moraes, com 128; João Marinho, com 6; Alfredo Pujol e Jacques Renout, ambos com 4 cada um (Quadro 4).

Quadro 4 – Propriedade dos ex-libris encontrados

Propriedade		Quantidade
1	José Mindlin	305
2	Rubens Borba de Moraes (2 exemplares diferentes)	128
3	João Marinho	6
4	Alfredo Pujol	4
5	Jacques Renout	4
6	<i>Ex museo</i>	4
7	CL (ou LC)	3
8	Eduardo Prado (2 exemplares diferentes)	2
9	Elysio de Carvalho	2

10	F.E. Lauber	2
11	Fernando Guedes Galvão	2
12	Olyntho Sanmartin (2 exemplares diferentes)	2
13	Ricardo Xavier da Silveira	2
14	A. de Cavalcanti	1
15	A. Des. Marie M. D'auwers	1
16	A. Moreira Cabral	1
17	A. Ramel	1
18	Alexandre Corrêa de Lemos	1
19	Alfredo de Carvalho	1
20	Alvaro Moreyra	1
21	Astério de Campos	1
22	Bibliotheca Celso Bayma	1
23	Cecilia Barbosa de Moura	1
24	Corrêa Neves	1
25	Bibliotheca Hammer Stockholm	1
26	Ex Bibliotheca J. W. Six	1
27	Ex Bibliotheca B. L.	1
28	Francisco Marques dos Santos	1
29	HA (ou AH)	1
30	Holland House	1
31	Hominis A. Mello	1
32	Livraria Castro - Olisipo	1
33	Livraria de Palha	1
34	M. L. de Oliveira Filho	1
35	Museu Imperial	1
36	Staudt	1
37	Xavier da Costa	1
38	Não identificado 1	1
39	Não identificado 2	1
40	Não identificado 3	1
41	Não identificado 4	1
42	Não identificado 5	1
43	Não identificado 6	1
	TOTAL	496

Fonte: Elaborado pela autora.

No levantamento, conforme é possível observar no quadro acima, também foram consideradas 2 etiquetas de livreria, ambas portuguesas (Figura 17).

Figura 17 – Etiquetas de livreria



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Com relação às etiquetas sem identificação, foram encontradas 6 no total, e 4 delas serão apresentadas a seguir (Figura 18).

Figura 18 – Etiquetas sem identificação



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Observa-se que as três primeiras possuem muita similaridade em relação à gravura: tecido com franja e coroa. A última etiqueta possui uma gravura indígena.

Quanto à referência sobre a presença dos ex-líbris nos dados do catálogo, elas estavam presentes em apenas 18 registros, não necessariamente indicando a presença de todas as marcas existentes em uma mesma obra. Nenhum deles, por exemplo, fazia menção sobre o ex-líbris de José Mindlin, que teve a maior incidência.

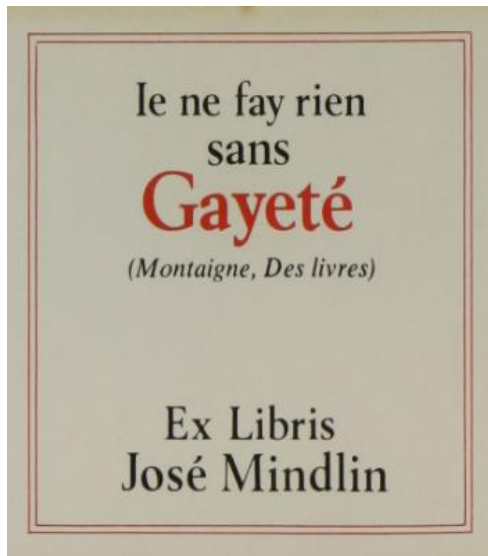
### 8.1.1 José Mindlin

Como era esperado, o ex-líbris do doador do acervo à USP foi o que apresentou maior ocorrência. José Mindlin foi um importante jornalista, advogado, empresário e

bibliófilo brasileiro. Nascido em São Paulo, em 1914, ocupou a cadeira de número 29 da Academia Brasileira de Letras (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, [20--]).

O ex-líbris de José Mindlin (Figura 19) é do tipo tipográfico, sem gravura, e foi criado em 1978 por sua filha Diana Mindlin. A técnica utilizada foi o clichê e possui o tamanho 60 x 60 mm (SILVA; MACIEL, 2014, p. 213). Ele contém o lema *le ne fay rien sans gayeté*, uma frase tirada da obra *Ensaíos* do filósofo francês Michel de Montaigne, cuja tradução é: não faço nada sem alegria (A EXTRAORDINÁRIA..., 2021).

Figura 19 – Ex-líbris de José Mindlin



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

José Mindlin (2009) costumava ler o livro do filósofo durante as aulas na Faculdade de Direito. Ele dizia que não gostava de ler livros difíceis, assim como Montaigne cita em *Ensaíos*, obra que marcou sua vida.

Diana Mindlin diz que seguiu sua intuição para a escolha de fonte, formato e diagramação. Para a escolha de cores das fontes, preto e vermelho, ela se inspirou nos livros da própria biblioteca do pai, uma vez que as cores fazem referência à tipografia antiga (A EXTRAORDINÁRIA..., 2021).

É interessante destacar que referido ex-líbris, por algum motivo, não foi afixado em todos os exemplares. Em muitos deles, não havia a presença da marca. Como dito anteriormente, nenhum registro do catálogo fazia referência à existência desta marca.

### 8.1.2 Rubens Borba de Moraes

O segundo ex-líbris com mais ocorrências no levantamento foi o de Rubens Borba Alves de Moraes, que doou sua coleção de Brasiliana para José Mindlin.

Rubens Borba de Moraes foi um bibliófilo, bibliotecário, bibliógrafo, editor, tradutor e educador brasileiro. Nascido em Araraquara, em 1899, colaborou na realização da Semana de Arte Moderna e atuou em importantes instituições como a Organização das Nações Unidas, Biblioteca Nacional e Biblioteca Municipal de São Paulo, hoje Biblioteca Mário de Andrade, que deu origem ao curso de Biblioteconomia da Prefeitura de São Paulo, em 1936, sendo o referido curso incorporado à Escola de Sociologia e Política poucos anos depois (MORAES, 2011).

No acervo consultado, encontramos dois exemplares diferentes de sua marca (Figura 20).

Figura 20 – Ex-líbris utilizados por Rubens Borba de Moraes



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

O primeiro ex-líbris apresentado é do tipo heráldico e está assinado pelo artista W. Possui dois brasões de família contendo fitas com os sobrenomes Borba e Moraes cada um (CAÇADORA, 2020). Contém o nome do proprietário e na parte superior a expressão *ex-libris*. Logo abaixo da expressão, é possível ver um elmo. O segundo, é uma xilogravura desenhada por Adolfo Köhler (MARTINS FILHO, 2008). Possui um desenho de caravela com cruzeiros da Ordem de Cristo de Portugal.

A seguir, apresentamos os principais resultados do levantamento, por data de publicação.

## 8.2 Dos anos 1521 a 1599

No período de 1521 a 1599 foram consultados 12 livros e as informações encontradas podem ser vistas no quadro resumo abaixo (Quadro 5):

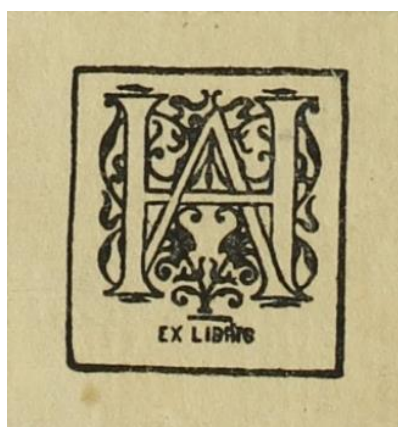
Quadro 5 – Resumo 1521-1599

José Mindlin	12
Rubens Borba de Moraes	3
HA (ou AH)	1
<i>Ex museo</i>	1
Não possui ex-líbris	0
Possui referência no catálogo	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Em todos os livros analisados do período havia o ex-líbris de José Mindlin. Em 3 deles, o de Rubens Borba de Moraes, e em 1 item havia além das duas marcas, um ex-líbris contendo as iniciais “H” e “A” (ou AH) (Figura 21), cuja propriedade não pôde ser identificada, além do *ex museo* já mencionado anteriormente.

Figura 21 – Ex-líbris com as iniciais HA (ou AH)



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Em apenas um registro do catálogo havia a indicação sobre a existência do ex-líbris de Rubens Borba de Moraes. Abaixo (Figura X), é possível verificar os ex-líbris encontrados, bem como a disposição em que foram afixados na folha de guarda do livro (Figura 22).

Figura 22 – Disposição dos ex-líbris em livro digitalizado de 1567



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Como é possível observar, seguiu-se a ordem de proveniência na fixação das marcas. Provavelmente, o primeiro detentor do livro afixou a etiqueta do *ex museo*, uma forma similar aos ex-líbris bastante utilizada na época. Em seguida, o de H. A. (ou AH) foi afixado. Após, o de Rubens Borba de Moraes e, por último, o de José Mindlin na folha seguinte.

### 8.3 Dos anos 1600 a 1699

No período de 1600 a 1699 foram consultados 80 livros. As principais informações estão no quadro abaixo (Quadro 6):

Quadro 6 – Resumo 1600-1699

José Mindlin	67
Rubens Borba de Moraes	17
<i>Ex museo</i>	3
Não identificados	2
Ricardo Xavier da Siveira	1
<i>Ex Bibliotheca J. W. Six</i>	1
<i>Bibliotheca Hammer Stockholm</i>	1
<i>Ex Bibliotheca R. L.</i>	1
Eduardo Prado	1
A. Des. Marie M. D'auwers	1

João Marinho	1
Alexandre Corrêa de Lemos	1
A. Moreira Cabral	1
F.E. Lauber	2
Não possui ex-líbris	9
Possui referência no catálogo	7

Fonte: Elaborado pela autora.

No período, foram encontrados ex-líbris diversos. Na maioria deles (67), havia o ex-líbris de José Mindlin e em 17 o de Rubens Borba de Moraes. Além disso, havia exemplares sem identificação, *ex museo* e *ex bibliotecas*, já mencionados anteriormente.

Em relação às propriedades, a marca de F.E. Lauber (Figura 23), estava presente em 2 exemplares. Não foi possível obter mais informações sobre o ex-líbris, mas é possível observar que possui uma cor esverdeada, com gravura de leão. De um lado, há a expressão *ex-libris* e da outra, o nome do proprietário.

Figura 23 – Ex-líbris de F.E. Lauber



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Outros exemplares encontrados, podem ser verificados abaixo (Figura 24).

Figura 24 – Ex-líbris 1600-1699



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

O primeiro deles é de A. Des. Marie M. D'auwers. O segundo, de A. Moreira Cabral, e o terceiro, de Alexandre Corrêa de Lemos. Não foi possível obter mais informações sobre as gravuras.

Outro ex-líbris encontrado no período foi o de João Marinho (Figura 25), que, de modo geral, teve grande ocorrência na amostragem pesquisada para este trabalho.

Figura 25 – Ex-líbris de João Marinho



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

João Marinho foi um médico e bibliófilo carioca, nascido em 1875. Seu ex-líbris é uma xilogravura desenhada pelo artista J.C., medindo 87 x 61 mm, com a imagem de mulher segurando um livro e uma coruja sobre a perna direita. Possui vários

elementos como divisa (sentença), emblema (símbolo), nome do proprietário e a expressão *ex-libris*. No caso da divisa, a marca possui a sentença *recte ponere otia*, que significa *use corretamente o ócio* (SILVA; MACIEL, 2014).

Outras belas marcas encontradas foram a da Biblioteca Hammer Stockholm e a de Ricardo Xavier da Silveira (Figura 26).

Figura 26 – Ex-líbris da Biblioteca Hammer Stockholm e Ricardo Xavier da Silveira

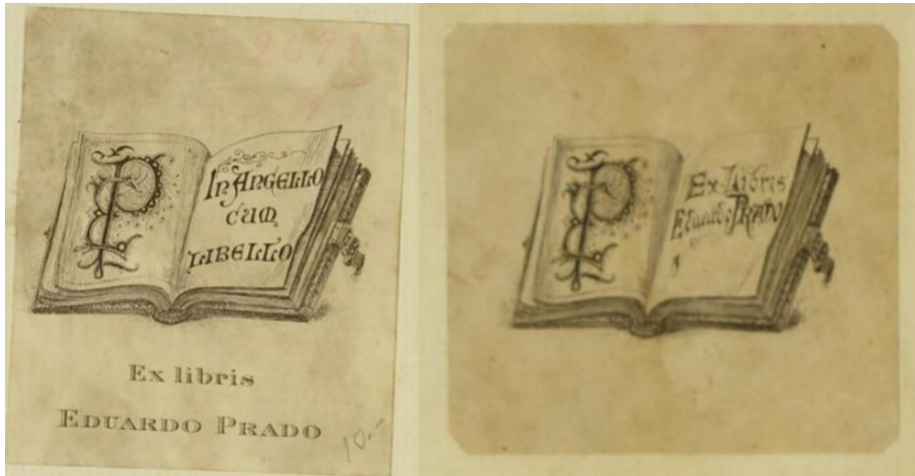


Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?], sem paginação).

O primeiro ex-líbris possui uma gravura com carruagem. No lado inferior esquerdo há a referência *Bibl. Hammer Stockholm*. Do lado direito há uma sentença não identificada. O segundo, de propriedade de Ricardo Xavier da Silveira, possui assinatura do artista Alvarus. Possui a imagem de céu estrelado, contendo um homem com uma corda na mão que tenta tocar uma estrela. Há uma carruagem logo abaixo. O exemplar possui a divisa *attacco la mia carretta nelle stelle*, que significa *amarro minha carruagem às estrelas*. Há ainda a data em algarismos romanos MCMXXXVII, que corresponde ao ano de 1937.

Outro ex-líbris que cabe destaque é o de Eduardo Prado (Figura 27).

Figura 27 – Ex-líbris de Eduardo Prado



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Eduardo Prado foi um advogado, jornalista e escritor paulistano. Nascido em 1860, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, na qual ocupou a cadeira de número 40 (ACADEMIA, BRASILEIRA DE LETRAS, [20--]).

O levantamento realizado no acervo digital indicou a existência de 2 variantes de sua marca. Foram confeccionadas na técnica água-forte e a primeira delas, encontrada em uma obra do ano 1644, possui a divisa *in angello cum libello*, que significa *no anjo com o livro* (MARTINS FILHO, 2008). A segunda variante foi encontrada em um livro digitalizado do ano de 1760, que já foi antecipado aqui para que houvesse a comparação. A diferença da primeira é que no lugar da divisa está o nome do proprietário.

Por fim, é importante mencionar que, em 9 livros digitalizados do período de 1600 a 1699, não havia ex-líbris. Em relação à referência no catálogo, 7 registros traziam a informação sobre a presença da marca.

#### 8.4 Dos anos 1700 a 1799

No período de 1700 a 1799 foram consultados 106 livros digitalizados. As principais informações encontradas podem ser visualizadas no quadro a seguir (Quadro 7):

Quadro 7 – Resumo 1700-1799

José Mindlin	51
--------------	----

Rubens Borba de Moraes	47
Livraria Castro	1
Jacques Renout	3
Xavier da Costa	1
Eduardo Prado	1
Fernando Guedes Galvão	1
João Marinho	1
Não identificado	1
Holland House	1
Não possui ex-líbris	17
Possui referência no catálogo	2

Fonte: Elaborado pela autora.

No período, foram encontrados ex-líbris diversos, alguns já mencionados nos itens anteriores. Novamente, o ex-líbris de José Mindlin foi o de maior ocorrência, presente em 51 livros. O de Rubens Borba de Moraes teve 47 ocorrências. Outro exemplar com destaque no período foi o de Jacques Renout (Figura 28).

Figura 28 – Ex-líbris de Jacques Renout



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Jacques Renout foi um engenheiro e bibliófilo francês, nascido em 1903. Residiu no Rio de Janeiro por alguns anos. Em 1965, Rubens Borba de Moraes relatou a José Mindlin ter visitado a biblioteca do bibliófilo francês, ficando ele maravilhado com as raridades encontradas. A biblioteca foi leiloada anos depois em Paris, quando as obras se dispersaram, tendo José Mindlin adquirido algumas delas. A arte do ex-líbris foi feita por Tancredi Synave (LEMOS, 2020). O exemplar possui apenas a

imagem de um homem com cigarro na boca e um livro na mão. Não há indicação da propriedade nem sentença, apenas a assinatura do artista que a criou.

Outros exemplares encontrados foram os de Xavier da Costa e Fernando Guedes Galvão (Figura 29), e, ainda, o da Holland House.

Figura 29 – Ex-líbris de Xavier da Costa e Fernando Guedes Galvão



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

O exemplar de Xavier da Costa é colorido e possui as cores dourada e vermelha. Possui a letra L em vermelho e gravura contendo anjos. Contém o nome do proprietário e a indicação de ser um ex-líbris. Do lado inferior direito é possível ver a assinatura do artista, que não foi identificada. Já o exemplar de Fernando Guedes Galvão possui uma gravura contendo duas pessoas em cima de um cavalo. Há a indicação do nome do proprietário e a expressão *ex libris*.

Fundada em 1605, a Holland House (Figura 30) foi uma antiga morada de membros da nobreza britânica. O local foi quase inteiramente destruído por bombardeios durante a II Guerra Mundial. A arte foi feita no século XVIII com a técnica buril em cobre e possui as dimensões 87 x 72 mm. Contém a divisa *vitam impendere vero*, que significa *consagrar sua vida à verdade* (SILVA; MACIEL, 2014).

Figura 30 – Ex-líbris da Holland House



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

No período de 1700 a 1799, 17 livros digitalizados não possuíam ex-líbris. Quanto à indicação da marca de propriedade no catálogo, a informação constava em 2 registros.

### 8.5 Dos anos 1800 a 1899

No período de 1800 a 1899, 282 livros digitalizados foram consultados. Como principais informações encontradas, temos (Quadro 8):

Quadro 8 – Resumo 1800-1899

José Mindlin	163
Rubens Borba de Moraes	53
João Marinho	4
Corrêa Neves	1
Livraria de Palha	1
Elysio de Carvalho	2
Não identificados	3
Ricardo Xavier da Silveira	1
A. Ramel	1
A. de Cavalcanti	1
Jacques Renout	1
Alfredo Pujol	4
Hominis A. Mello	1

Alvaro Moreyra	1
Cecilia Barbosa de Moura	1
Bibliotheca Celso Bayma	1
Astério de Campos	1
Museu Imperial	1
CL (ou LC)	3
Olyntho Sanmartin	2
Staudt	1
Francisco Marques dos Santos	1
Alfredo de Carvalho	1
M. L. de Oliveira Filho	1
Não possui ex-líbris	80
Possui referência no catálogo	8

Fonte: A autora

Por ser o período com maior número de itens, foram encontrados muitos ex-líbris até então inéditos nesta pesquisa. Aqui fazemos destaque às marcas de Alfredo Pujol, CL (ou LC), Elysio de Carvalho e Olyntho Sanmartin, que tiveram maior ocorrência, além dos já conhecidos José Mindlin e Rubens Borba de Moraes e outros já mencionados anteriormente.

Nascido no Rio de Janeiro no ano de 1865, Alfredo Pujol foi um crítico, jornalista, político e cronista. Conforme Martins Filho (2008, p. 40), “possuía a maior biblioteca privada de São Paulo no início do século XX”. Seu ex-líbris (Figura 31) é de autoria do artista H. Stern (MARTINS FILHO, 2008). A marca possui a divisa *le culte des livres console de toutes les réalités dou loureuses*, cuja tradução seria literalmente: *o culto dos livros consola todas as realidades dolorosas*.

Figura 31 – Ex-líbris de Alfredo Pujol, LC (ou CL) e Elyσιο de Carvalho



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

A marca localizada ao centro, com as iniciais CL ou LC (Figura 31), não teve sua propriedade identificada. Possui a imagem de um livro aberto com a divisa *ex multis non multos*, cuja tradução é *de muitos, mas não muitos* (MARTINS FILHO, 2008). Elyσιο de Carvalho foi um ensaísta, poeta, crítico e tradutor, nascido em Alagoas no ano de 1880. Seu ex-líbris (Figura 31), desenhado pelo grande artista Carlos Oswald, possui a figura de um centauro e um anjo. Possui a divisa *amor fati*, cuja tradução é *o amor do destino* (MARTINS FILHO, 2008).

Com relação à Olyntho Sanmartin, foram encontradas duas marcas distintas de sua propriedade (Figura 32).

Figura 32 – Ex-líbris de Olyntho Sanmartin



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Olyntho Sanmartin foi um jornalista, escritor e bibliófilo nascido em Porto Alegre, em 1896. Seus ex-líbris são do tipo feminino. O desenho do segundo exemplar é do artista E. K. e possui a divisa *ars aemula naturae*, cuja tradução é *a arte imita a natureza* (MARTINS FILHO, 2008).

O levantamento deste período também apresentou 2 exemplares pertencentes a mulheres (Figura 33).

Figura 33 – Ex-líbris de A. de Cavalcanti e Cecilia Barbosa de Moura



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque, a Viscondessa de Cavalcanti, nasceu no Rio de Janeiro, em 1852. Seu exemplar, que possui as dimensões 86 x 63 mm, foi confeccionado na Maison Agry, no século XIX, por meio da técnica água-forte e buril (SILVA; MACIEL, 2014). A gravura é de um florão circundado por uma medalha, que, segundo Esteves (1954) é um dos mais belos exemplares de ex-líbris da coleção brasileira. Já o ex-líbris de Cecília Barbosa de Moura possui uma gravura indígena. No canto inferior direito, há as iniciais do artista J.W.R. Infelizmente, não foi possível obter mais informações sobre a marca.

Outros exemplares que fazemos destaque são os de Alfredo de Carvalho, Alvaro Moreyra e Astério de Campos (Figura 34).

Figura 34 – Ex-líbrs de Alfredo de Carvalho, Alvaro Moreyra e Astério de Campos



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Nascido em Recife, Alfredo de Carvalho foi um bibliógrafo, bibliófilo e jornalista. Seu ex-líbrs possui a divisa *in pace robur*, cuja tradução é *na paz o vigor* (MARTINS FILHO, 2008). Alvaro Moreyra foi um cronista, teatrólogo e jornalista, nascido no Rio Grande do Sul, em 1888. Seu ex-líbrs foi desenhado por Correio Dias. A gravura possui uma coruja com o nome do proprietário (MARTINS FILHO, 2008). O ex-líbrs de Astério de Campos possui uma lâmpada com pavio acesa na extremidade. Possui a divisa *macte animo!*, traduzida como *coragem!*.

Outros dois ex-líbrs encontrados foram os de Francisco Marques dos Santos e Hominis A. Mello (Figura 35).

Figura 35 – Ex-líbrs de Francisco Marques dos Santos e Hominis A. Mello



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

O ex-líbris de Francisco Marques dos Santos foi desenhado por José Washt Rodrigues e é uma zincogravura (MARTINS FILHO, 2014). Na imagem é possível ver um casarão entre palmeiras imperiais. Acima há a indicação da expressão *ex-libris*. Abaixo, o nome do proprietário. No canto inferior direito, as iniciais do artista J.W.R, que o desenhou. O exemplar de Hominis A. Mello possui além da indicação de propriedade, uma data gravada: 1871. Não foi possível obter mais informações.

Ainda foram encontradas outras marcas diversas, a exemplo dos ex-líbris de A. Ramel, do Museu Imperial e de Staudt (Figura 36).

Figura 36 – Ex-líbris de A. Ramel, Museu Imperial e Staudt



Fonte: BBM Digital (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [2019?]a, sem paginação).

Não encontramos informações mais precisas sobre as marcas. O ex-líbris de A. Ramel possui uma gravura contendo duas mulheres que seguram uma coroa ao centro. O exemplar está numerado e no canto inferior direito da gravação, há a assinatura do artista Stern GR. O Museu Imperial, fundado em 1943, em Petrópolis, foi anteriormente a casa de verão de D. Pedro II. O exemplar, heráldico, é um clichê com 68 x 59 mm, cujo artista não foi identificado (SILVA; MACIEL, 2014). Por fim, o ex-líbris de Staudt possui uma gravura contendo um florão com cavalo ao centro. Na parte superior há uma expressão em alemão que não pôde ser identificada. No canto inferior direito há a data 1924 e, no direito, a assinatura do artista G. Otto.

No período de 1800 a 1899, os ex-líbris não foram encontrados em 80 livros digitalizados. Havia 8 registros do catálogo indicando a presença da marca de propriedade.

## 8.6 Ano de 1900

Do ano de 1900 foram consultados 20 livros. O quadro resumo com as principais informações encontradas encontra-se abaixo (Quadro 9):

Quadro 9 – Resumo 1900

José Mindlin	12
Rubens Borba de Moraes	8
Fernando Guedes Galvão	1
Não possui ex-líbris	5
Possui referência no catálogo	0

Fonte: Elaborado pela autora

O ex-líbris de José Mindlin estava presente em 12 livros, já o de Rubens Borba de Moraes, em 8. Neste ano, a única propriedade diferente seria então a de Fernando Guedes Galvão. Tendo em vista que todos eles já foram citados anteriormente, passaremos às informações finais desta análise de dados.

No ano de 1900, 5 livros não continham ex-líbris. Dos 20 consultados, não havia a indicação da marca de propriedade em nenhum registro do catálogo.

Diante dos resultados apresentados neste capítulo, observamos o baixo número de registros no catálogo que possuem a indicação da existência das marcas de proveniência nos livros digitalizados. Em contraposição, fica evidente o grande número de ex-líbris encontrados que poderiam estar indicados no catálogo, além da existência de outras marcas que também poderiam ser mencionadas.

## 9. CONSIDERAÇÕES

Com esse levantamento de dados feito no acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, é possível ter um panorama dos ex-líbris existentes no local. Fica evidente o quão rico é um acervo raro em termos de informação, oferecendo muitas possibilidades de pesquisas mais aprofundadas a partir das marcas de propriedade. Acreditamos que os objetivos apontados inicialmente tenham sido atingidos e os resultados tenham sido alcançados de forma satisfatória.

O levantamento, mesmo que inicial, indica a necessidade de as informações relativas à proveniência serem inseridas no catálogo. Portanto, esta pesquisa poderá contribuir para a atualização desses dados. A medida possibilitará uma melhor gestão do acervo em muitos aspectos, além de promover maior segurança com o mapeamento das marcas. Poderá, ainda, auxiliar na difusão da coleção por meio de ações culturais diversas, como a realização de exposições sobre o tema. O estudo dos ex-líbris também poderá subsidiar os trabalhos de curadoria da instituição, com a pesquisa da formação da coleção.

Colocar ex-líbris em todos os livros e folhetos de um acervo pode oferecer uma maior segurança à biblioteca, pois auxilia na identificação de um exemplar extraviado no caso furto. Essa sugestão poderá ser levada em consideração pelos gestores do acervo, uma vez que há muitos exemplares sem a marca.

Acervos que detêm obras raras necessitam de procedimentos técnicos diferentes dos utilizados em um acervo convencional e a equipe da biblioteca precisa ter conhecimentos diversos para atender a essas especificidades. Considerando a necessidade de mapear as marcas de proveniência dos exemplares de suas coleções, por tudo o que já foi exposto, é importante que a instituição invista no treinamento constante dos funcionários para o reconhecimento dessas marcas, pois isso possibilitará uma pesquisa de proveniência do acervo mais aprofundada.

Quando a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin foi transferida para a USP, o catálogo foi migrado para uma base de dados diferente, precisando ser adequado. Devido ao fato de a BBM possuir uma equipe de funcionários muito pequena, como consta em seu site, acreditamos que isso dificulte a adequação desses dados, uma vez que a equipe precisará priorizar outras ações.

Existe, portanto, a possibilidade de haver muito mais ex-líbris nos livros do acervo digital que não foram consultados, o que poderá ser melhor mapeado em pesquisas futuras, assim como outros tipos de marcas de proveniência bibliográfica.

A partir do exposto, sugerimos que a pesquisa de ex-líbris seja continuada no acervo digital e estendida para outros tipos de marcas de proveniência, uma vez que o levantamento indicou o grande potencial do acervo e a facilidade na coleta de dados, que posteriormente poderá ser feita no acervo físico ainda não digitalizado.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **José Mindlin**. [20--]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/jose-mindlin>. Acesso em: 12 nov. 2022.

A EXTRAORDINÁRIA coleção de obras raras e os ex-libris da biblioteca brasileira. Caçadora de Ex-líbris. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (102 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AurZn5u1WcM&list=PLHeHTqDxIF4Mb5A9wapVJTZN9HJNo4bg5&index=23>. Acesso em: 12 nov. 2022.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Association of College and Research Libraries. **Guidelines on the selection and transfer of materials from general collections to special collections**. Chicago, 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/selctransfer>. Acesso em: 25 maio 2021.

ANTUNES, Cristina. Biblioteca brasileira Guita e José Mindlin - BBM – USP. *In*: VIEIRA, Bruno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2015. p. 15-31. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

ARAÚJO, André Vieira de Freitas. Gestão de coleções raras no século XXI: conceitos, problemas e ações. *In*: VIEIRA, Bruno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2015. p. 15-31. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliofilia e livros raros: uma abordagem histórico-cultural. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19, 2018a. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual do Paraná, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103449>. Acesso em: 10 maio 2021.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliofilia, Bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 38-57, 2018b. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/32542>. Acesso em: 30 maio 2021.

ARAÚJO, Adelma Ferreira de. **Rubens Borba de Moraes e José Mindlin**: bibliofilia como patrimônio informacional. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

AZEVEDO, F. C.; LOUREIRO, M. L. N. M. Afinal, os objetos falam? reflexões sobre objetos, coleções e memória. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em

Ciência da Informação, n. **XX ENANCIB**, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123799>. Acesso em: 23 out. 2022.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 233-249, set./dez. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/38934>. Acesso em 20 out. 2022.

BAGGIO, Claudia Carmem; COSTA, Heloisa; BLATTMANN, Ursula. Seleção de tipos de fontes de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 32-47, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://biblioteca.fespsp.org.br:8080/pergamumweb/vinculos/00000f/00000fea.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo. **Ex Libris**: pequeno objeto de desejo. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

BEZERRA, José Augusto. Ex-libris: a marca de propriedade do livro. **Revista do Instituto Ceará**. Ceará: 2006, 129-144. Disponível em: [https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2006/01\\_Artigos/09-Ex\\_Libris.pdf](https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2006/01_Artigos/09-Ex_Libris.pdf). Acesso em 12 jan. 2021.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **PLANOR**. Rio de Janeiro: FBN, 2006. Disponível em: <http://arquivo.bn.br/planor/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Critérios de Raridade da Fundação Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: FBN, 2012. Disponível em: <http://arquivo.bn.br/planor/documentos/criterioraridadedioraplanor.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Sobre a Coleção Brasileira da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: FBN, 2010. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/brasiliana.html>. Acesso em: 11 set. 2022.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. **Ex-libris**: coleção Biblioteca Pública do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Instrução Normativa nº 01**. Brasília: Ministério da Cultura, 11 jun. 2007. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/instrucao\\_normativa\\_n\\_01\\_\\_11\\_de\\_junho\\_de\\_2007.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/instrucao_normativa_n_01__11_de_junho_de_2007.pdf). Acesso em: 11 set. 2022.

BRITISH MUSEUM. Book-label; plaque. [2022?]. Disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y\\_EA22878#object-detail-data](https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA22878#object-detail-data). Acesso em: 17 nov. 2022.

BRUCHARD, Dorothée de. Ex-libris. Belas histórias de arte, de vida e de amor aos livros. *In*: MARTINS FILHO, Plínio (org.). **Ex-libris**: coleção livraria Sereia de José Luiz Garaldi. Cotia: Ateliê Editorial, 2008. p. 11-16.

Buchanan, S. A. **Special Collections and Archives Code (SPAC)**: Preserving Provenance in a Bibliographic Catalog. *Cataloging & Classification Quarterly*, 2011.

CAÇADORA DE EX-LIBRIS. Ex-líbris de Rubens Borba de Moraes. 2020. Disponível em: <https://www.cacadoradeexlibris.com/post/ex-l%C3%ADbris-de-rubens-borba-de-moraes>. Acesso em: 15 nov. 2022

CORTES, M. D. F. *et al.* Ex-líbris: a economia patrimonial. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 19-43, dez. 2019. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/07-Artigo-M%C3%A1rcia-Ex-libris.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

ESTEVES, Manuel. **O ex libris**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert Limitada, 1954.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

GARCIA, R. M. Desenvolvimento da nova Biblioteca Digital da Biblioteca Brasileira USP: Relato de Experiência. **PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, n. 16, p. 111-126, 3 jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/27527>. Acesso em: 22 out. 2022.

GAUZ, Valeria. Livro raro-objeto em museu casa histórica: o caso do Museu Plantin-Moretus. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/189229>. Acesso em: 30 maio 2021.

GAUZ, Valeria. O Livro Raro e Antigo como Patrimônio Bibliográfico: Aportes Históricos e Interdisciplinares. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 4, n. 8, 2015, p. 71-87. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16905>. Acesso em: 15 nov. 2022

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo, Atlas, 2018.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda; SCHOEPS, Luciana Antonini. **Primeiras Edições de Machado de Assis na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin**. São Paulo, Publicações BBM: 2022.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Diretrizes para planejamento de digitalização de livros raros e coleções especiais**. 2015. Disponível em: <https://repository.ifla.org/handle/123456789/460>. Acesso em: 26 set. 2022.

KANO, Eliane; LOPEZ, Jeanne B.; GARCIA, Rodrigo M. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin na USP: reflexões para o estabelecimento de uma política de desenvolvimento de coleções. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS RAROS, 12., 2018, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2021. 138 v. p. 99-111. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/producao/publicacoes/colecoes/anais-biblioteca-nacional>. Acesso em: 10 out. 2022

LEMOS, Briquet de. Em Busca de Bibliófilos Esquecidos. *In*: **Revista BBM**. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, v. 2 n. 1. 2020. ISSN 2595-5802. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistabbm/article/view/174889>. Acesso em: 15 nov. 20212.

LEUNG, Colette. **The journeys of books: rare books and manuscripts provenance metadata in a digital age**. 2016. 263 f. Thesis (Master of Arts in Humanities Computing and Master of Library and Information Studies) – School of Library and Information Studies, University of Alberta, Edmonton, 2016. Disponível em: <https://era.library.ualberta.ca/items/18ba165f-9d13-4292-9bf7-7f9d75481c38>. Acesso em 20 out. 2022.

MACHADO, Ubiratan. Sua Excelência, o Ex-Líbris. *In*: SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo. (Org.). **O livro dos ex-líbris**. Rio de Janeiro: ABL, 2014. p. 9-75.

MARTINS FILHO, Plínio. **Ex-libris: coleção livraria Sereia de José Luiz Garaldi**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros: reencontro com o tempo**. 4. ed. São Paulo: Edusp; Companhia das Letras, 2008. 231 p.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 5. ed. São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2018.

MINDLIN, José. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2006.

MORAES, Rubens Borba de. **Testemunha ocular: (recordações)**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da Unesco**. Disponível em: <http://mow.arquivonacional.gov.br/>. Acesso em: 29 maio 2021.

PEARSON, David. **Provenance Research in Book History: A Handbook**. Oxford: Bodleian Library, 2019.

PINHEIRO, Ana Virginia. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. *In*: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2015. p. 33-44. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

PINHEIRO, Ana Virginia. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. *In*: SILVA, Helen de Castro; BARROS, Maria Helena (org.). **Ciência da informação: múltiplos diálogos**. Marília: Oficina Universitária, 2009. p. 31-44. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen\\_e%20book.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen_e%20book.pdf). Acesso em: 21 abr. 2021.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Metodologia para inventário de acervo antigo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE LIVROS RAROS, 7., 2003, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2003a. 123 v. p. 9-31. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_2003\\_00123.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2003_00123.pdf). Acesso em: 11 maio 2021.

PINHEIRO, Ana Virginia. O espírito e o corpo do livro: fragmentos de uma teoria para ver e tocar. **Revista Museu: cultura levada a sério**, Rio de Janeiro, 2003b. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/5677-o-espírito-e-o-corpo-do-livro-raro-fragmentos-de-uma-teoria-para-ver-e-tocar.html>. Acesso em: 09 jun. 2021.

PINHEIRO, Ana Virginia. Atribuições do Bibliotecário de Livros Raros e Coleções Especiais. *In*: SEMINÁRIO ATRIBUIÇÕES DOS BIBLIOTECÁRIOS DE LIVROS RAROS E COLEÇÕES ESPECIAIS, 2019, Rio de Janeiro. **[Apresentação em PowerPoint]**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2019. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/producao/documentos/atribuicoes-bibliotecarios-livros-raros-colecoes-especiais>. Acesso em 17 nov. 2022.

PINHEIRO, Ana Virginia. Catalogação de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda. *In*: **I ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES E III ENCONTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CATALOGAÇÃO**, out. 2012, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/109278012/Catalogacao-de-livros-rarosproposta-de-metodologia-de-formalizacao-de-notas-especiais-para-difusaorecuperacao-e-salvaguarda>. Acesso em 20 out. 2022.

PUNTONI, Pedro (Org.). **Brasiliana USP: história e arquitetura de uma ideia**. São Paulo: Alameda, 2007. 94 p.

RICCI, Seymour de. **English collectors of books and manuscripts (1530-1930) and their marks of ownership**. Cambridge: Cambridge University Press, 1930.

Disponível em: <https://archive.org/details/englishcollector00ricc/mode/2up>. Acesso em: 03 nov. 2022.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. **Ciência da Informação**, v. 35, n.1, Ago. 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1158>. Acesso em: 06 maio 2021.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. O que é livro raro? **ComCiência**, Campinas, Laboratório de Estudos Avançados em jornalismo da Universidade Estadual de Campinas, Abr. 2011. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542011000300008&lng=pt&nrm=is](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000300008&lng=pt&nrm=is). Acesso em 25 maio 2021.

RODRIGUES, M. C.; VIAN, A. E.; TEIXEIRA, H. D. Marcas de procedência: contribuições para o estudo do livro raro. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 25, p. 01-20, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/135629>. Acesso em: 02 maio 2021.

RODRIGUES, Alessandra Hermógenes; CALHEIROS, Mariana Fernandes; COSTA, Patricia da Silva Costa. Análise bibliológica de livros raros: a preservação ao “pé da letra”. In: ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 2003, Rio de Janeiro, RJ. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2003. v. 123, p. 33-48. Disponível em: <http://planorweb.bn.br/documentos/ARTIGOS/AnaliseBibliologica.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

SANT'ANA, Rizio Bruno. Critérios para a definição de obras raras. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 2, n. 3, p. 1-18, Jan. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v2i3.577>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SANTOS, Pedro da Silva Machado dos. **Biblioteca Brasileira USP**: análise da digitalização de documentos e dados para disponibilização em meio virtual. 2019. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2019.

SILVA, Alberto da Costa; MACIEL, Anselmo (org.). **Livro dos Ex-Líbris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014.

SOUZA, Ingrid Lopes de. **Patrimônio bibliográfico de C&T em universidades**: proposta para formação das coleções especiais da Biblioteca Paulo Geyer. 2017. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia) – Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2500>. Acesso em: 27 maio 2021.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **BBM Digital**. [2019?]a. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1>. Acesso em 11 set. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin** [2019?]b. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/hist%C3%B3ria/>. Acesso em 11 set. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Brasileira, Brasileiras**. [2022?]. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/outros-eventos/brasileira-brasileiras/>. Acesso em 11 set. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Institucional. **Relatório de Atividades realizadas 2021**. [2021?]. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/outros-eventos/brasileira-brasileiras/>. Acesso em 11 set. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Normas. **Resolução nº 7167**. 2016. São Paulo: Universidade de São Paulo, 16 fev. 2016. Disponível em: <http://leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-7167-de-16-de-fevereiro-de-2016>. Acesso em 11 set. 2022.

UNIVERSITY OF GLASGOW. **What are Special Collections**. Glasgow, UK: University of Glasgow, Special Collections, [2012?]. Disponível em: <https://www.gla.ac.uk/myglasgow/specialcollections/whatarespecialcollections/>. Acesso em: 05 set. 2022.

VIAN, Alissa Esperon; RODRIGUES, Marcia Carvalho. **Marcas de proveniência bibliográficas**: um estudo sobre os ex-libris. Rio Grande: Editora da FURG, 2020. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/9360>. Acesso em: 27 maio 2021.

VIARDOT, J. Livres rares et pratiques bibliophiliques. *In*: CHARTIER, R.; MARTIN, Henri-Jean. (Dir.). **Histoire de l'édition française**: le livre triomphant 1660-1830. Paris: Promodis, 1986. p. 583-614.

WIKIMEDIA COMMONS. Codex Aureus Sankt Emmeram. 2021. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Codex\\_Aureus\\_Sankt\\_Emmeram.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Codex_Aureus_Sankt_Emmeram.jpg). Acesso em 17 nov. 2022

WIKIMEDIA COMMONS. Exlibris de Hanns Iglér Knabensberger. 2009. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Exlibris\\_of\\_Hanns\\_Iglér\\_Knabensberger.gif](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Exlibris_of_Hanns_Iglér_Knabensberger.gif). Acesso em: 17 nov. 2022.

## APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DE EX-LÍBRIS DA BBM DIGITAL

<b>1521 - 1599</b>			
	<b>Endereço do item</b>	<b>Possui ex-líbris de</b>	<b>Contém referência na nota local</b>
1	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4979">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4979</a>	José Mindlin	Não
2	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4349">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4349</a>	José Mindlin	Não
3	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7715">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7715</a>	José Mindlin	Não
4	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5266">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5266</a>	José Mindlin	Não
5	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7900">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7900</a>	José Mindlin	Não
6	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7901">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7901</a>	José Mindlin	Não
7	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7902">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7902</a>	José Mindlin	Não
8	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4310">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4310</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
9	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4674">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4674</a>	José Mindlin	Não
10	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7708">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7708</a>	José Mindlin	Não
11	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7694">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7694</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
12	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7654">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7654</a>	Rubens Borba de Moraes, ex musaeo, HA (ou AH) e José Mindlin	Sim - Rubens Borba de Moraes

<b>1600 - 1699</b>			
	<b>Endereço do item</b>	<b>Possui ex-líbris de</b>	<b>Contém referência na nota local</b>
1	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2986">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2986</a>	José Mindlin	Não
2	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2809">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2809</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
3	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2582">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2582</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
4	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2587">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2587</a>	José Mindlin	Não
5	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2586">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2586</a>	Etiqueta não identificada com brasão	Não
6	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/718">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/718</a>	Rubens Borba de Moraes, José Mindlin e ex musaeo	Não
7	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1882">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1882</a>	José Mindlin	Não
8	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1674">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1674</a>	Não	Não
9	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2584">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2584</a>	José Mindlin	Não
10	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/537">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/537</a>	Não	Não
11	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/671">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/671</a>	José Mindlin	Não
12	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3903">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3903</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
13	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3867">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3867</a>	Não	Não

14	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4190">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4190</a>	José Mindlin	Não
15	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4307">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4307</a>	José Mindlin	Não
16	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4673">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4673</a>	José Mindlin	Não
17	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4941">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4941</a>	José Mindlin	Não
18	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4963">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4963</a>	José Mindlin	Não
19	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4690">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4690</a>	José Mindlin	Não
20	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4794">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4794</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
21	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4392">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4392</a>	José Mindlin	Não
22	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4456">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4456</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
23	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4678">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4678</a>	José Mindlin	Não
24	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4481">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4481</a>	Não	Não
25	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4575">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4575</a>	José Mindlin	Não
26	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4922">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4922</a>	José Mindlin	Não
27	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4715">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4715</a>	José Mindlin	Não
28	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4525">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4525</a>	José Mindlin	Não
29	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4532">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4532</a>	Não	Não
30	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4533">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4533</a>	Não	Não
31	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4529">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4529</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
32	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4560">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4560</a>	José Mindlin	Não
33	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4562">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4562</a>	José Mindlin	Não
34	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4561">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4561</a>	José Mindlin	Não
35	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4564">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4564</a>	José Mindlin	Não
36	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4576">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4576</a>	Não	Não
37	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4572">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4572</a>	José Mindlin	Não
38	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4573">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4573</a>	José Mindlin	Não
39	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4577">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4577</a>	José Mindlin	Não
40	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4582">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4582</a>	José Mindlin	Não
41	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4581">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4581</a>	José Mindlin	Não
42	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7182">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7182</a>	Ricardo Xavier da Siveira, Ex Bibliotheca J. W. Six, Bibliotheca Hammer Stockholm, e José Mindlin	Sim - Ricardo Xavier da Silveira
43	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7025">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7025</a>	José Mindlin	Não
44	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7033">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7033</a>	Ex Bibliotheca B. L.(ou RL) e José Mindlin	Não
45	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7645">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7645</a>	Não	Não
46	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7696">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7696</a>	José Mindlin	Não

47	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7746">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7746</a>	Eduardo Prado, Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
48	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4234">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4234</a>	Carimbo J. de Sousa-Leão	Não
49	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4559">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4559</a>	José Mindlin	Não
50	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7749">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7749</a>	A. Des. Marie M. D'auwers e José Mindlin	Sim - A. Des. Marie M. D'auwers
51	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7709">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7709</a>	José Mindlin	Não
52	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7692">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7692</a>	João Marinho e José Mindlin	Não
53	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7747">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7747</a>	José Mindlin	Não
54	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7713">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7713</a>	José Mindlin	Não
55	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7748">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7748</a>	Carimbo de Pedro A. Ferreira	Sim - Carimbo de Pedro A. Ferreira
56	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4578">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4578</a>	José Mindlin	Não
57	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5118">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5118</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
58	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7905">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7905</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
59	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7423">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7423</a>	José Mindlin	Não
60	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7460">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7460</a>	José Mindlin	Não
61	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7451">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7451</a>	José Mindlin	Não
62	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7441">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7441</a>	José Mindlin	Não
63	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5156">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5156</a>	Alexandre Corrêa de Lemos e José Mindlin	Não
64	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7369">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7369</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
65	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7357">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7357</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
66	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7521">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7521</a>	Etiqueta com brasão	Não
67	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7334">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7334</a>	José Mindlin	Não
68	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6955">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6955</a>	Não	Não
69	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7976">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7976</a>	A. Moreira Cabral Porto, Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Sim - A. Moreira Cabral Porto e Rubens Borba de Moraes
70	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7904">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7904</a>	José Mindlin	Há indicação de que outro exemplar do acervo possui ex-libris
71	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7935">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7935</a>	José Mindlin	Não
72	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7967">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7967</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
73	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7336">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7336</a>	José Mindlin	Não
74	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7241">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7241</a>	Rubens Borba Alves de Moraes, F.E. Lauber, e José Mindlin	Sim - Rubens Borba de Moraes e F.E. Lauber
75	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2642">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2642</a>	Rubens Borba Alves de Moraes, F.E. Lauber, e José Mindlin	Não
76	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2595">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2595</a>	Ex musaeo e José Mindlin	Não
77	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7936">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7936</a>	José Mindlin	Não

78	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7218">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7218</a>	José Mindlin	Não
79	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7249">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7249</a>	Rubens Borba de Moraes, José Mindlin e ex musaeo animvs non res HVTHII	Sim - Rubens Borba de Moraes
80	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8027">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8027</a>	José Mindlin	Não

1700 - 1799			
	Endereço do item	Possui ex-líbris de	Contém referência na nota local
1	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2671">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2671</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin (outro de José Mindlin no fim do livro)	Não
2	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2319">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2319</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
3	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2583">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2583</a>	Etiqueta Livraria Castro	Não
4	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/212">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/212</a>	Jacques Renout	Não
5	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/563">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/563</a>	José Mindlin	Não
6	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/651">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/651</a>	Não	Não
7	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3820">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3820</a>	Não	Não
8	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4013">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4013</a>	Não	Não
9	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4004">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4004</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
10	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4007">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4007</a>	Não	Não
11	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4008">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4008</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
12	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4055">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4055</a>	Xavier da Costa e José Mindlin	Não
13	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4142">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4142</a>	Não	Não
14	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4070">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4070</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
15	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4139">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4139</a>	Eduardo Prado e Fernando Guedes Galvão	Não
16	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4020">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4020</a>	José Mindlin	Não
17	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4019">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4019</a>	José Mindlin	Não
18	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4028">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4028</a>	José Mindlin	Não
19	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4030">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4030</a>	Não	Não
20	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4062">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4062</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
21	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4032">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4032</a>	José Mindlin	Não
22	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4262">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4262</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
23	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4143">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4143</a>	Não	Não
24	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4072">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4072</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
25	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4067">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4067</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
26	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4721">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4721</a>	Rubens Borba de Moraes	Não

27	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4901">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4901</a>	Não	Não
28	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4895">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4895</a>	José Mindlin	Não
29	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4896">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4896</a>	Não	Não
30	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4900">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4900</a>	Não	Não
31	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4727">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4727</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
32	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4724">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4724</a>	José Mindlin	Não
33	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4458">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4458</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
34	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4461">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4461</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
35	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4626">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4626</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
36	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4688">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4688</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
37	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4714">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4714</a>	Rubens Borba de Moraes e Livraria de Palha	Não
38	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4597">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4597</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
39	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4344">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4344</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
40	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4338">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4338</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
41	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4347">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4347</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
42	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4346">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4346</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
43	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4339">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4339</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
44	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4357">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4357</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
45	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4311">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4311</a>	José Mindlin	Não
46	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4348">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4348</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
47	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4524">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4524</a>	José Mindlin	Não
48	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4528">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4528</a>	José Mindlin	Não
49	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4580">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4580</a>	José Mindlin	Não
50	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4579">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4579</a>	José Mindlin	Não
51	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4584">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4584</a>	Não	Não
52	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5137">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5137</a>	Não	Não
53	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7050">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7050</a>	Não	Não
54	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7661">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7661</a>	Não	Não
55	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7860">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7860</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
56	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5022">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5022</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
57	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5292">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5292</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
58	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5293">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5293</a>	Não	Não
59	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5073">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5073</a>	José Mindlin	Não

60	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5283">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5283</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
61	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7705">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7705</a>	José Mindlin	Não
62	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7903">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7903</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
63	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7690">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7690</a>	Não	Não
64	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7906">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7906</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
65	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7640">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7640</a>	José Mindlin	Não
66	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7210">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7210</a>	José Mindlin	Não
67	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7425">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7425</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
68	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7433">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7433</a>	José Mindlin	Não
69	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7212">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7212</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
70	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7222">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7222</a>	José Mindlin	Não
71	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7232">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7232</a>	José Mindlin	Não
72	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7253">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7253</a>	José Mindlin	Não
73	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6650">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6650</a>	José Mindlin	Não
74	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7341">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7341</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
75	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7257">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7257</a>	Jacques Renout, Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Sim - Rubens Borba de Moraes
76	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7418">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7418</a>	José Mindlin	Não
77	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7177">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7177</a>	José Mindlin	Não
78	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7242">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7242</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
79	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7511">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7511</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
80	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7519">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7519</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
81	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6700">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6700</a>	José Mindlin	Não
82	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5176">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5176</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
83	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7085">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7085</a>	José Mindlin	Não
84	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7939">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7939</a>	Jacques Renout e José Mindlin	Não
85	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7940">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7940</a>	José Mindlin	Não
86	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7979">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7979</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
87	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7917">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7917</a>	José Mindlin	Não
88	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7970">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7970</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
89	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7968">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7968</a>	João Marinho e José Mindlin	Sim - João Marinho
90	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7971">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7971</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
91	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7706">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7706</a>	Etiqueta sem identificação, etiqueta de biblioteca e José Mindlin	Não
92	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7689">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7689</a>	Não	Não

93	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4010">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4010</a>	José Mindlin	Não
94	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5153">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5153</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
95	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4342">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4342</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
96	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7697">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7697</a>	José Mindlin	Não
97	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7699">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7699</a>	José Mindlin	Não
98	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7698">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7698</a>	José Mindlin	Não
99	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7758">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7758</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
100	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7457">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7457</a>	José Mindlin	Não
101	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4789">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4789</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
102	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4025">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4025</a>	José Mindlin	Não
103	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7246">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7246</a>	José Mindlin	Não
104	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7226">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7226</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
105	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4101">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4101</a>	Holland House e José Mindlin	Não
106	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7245">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7245</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não

<b>1800-1899</b>			
	<b>Endereço</b>	<b>Ex-Líbris</b>	<b>Contém referência na Nota Local</b>
1	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2647">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2647</a>	José Mindlin	Não
2	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2668">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2668</a>	José Mindlin	Não
3	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2676">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2676</a>	Não	Não
4	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2653">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2653</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
5	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2660">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2660</a>	José Mindlin	Não
6	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2678">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2678</a>	José Mindlin	Não
7	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2702">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2702</a>	José Mindlin	Não
8	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2682">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2682</a>	Não	Não
9	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2701">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2701</a>	José Mindlin	Não
10	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2882">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2882</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
11	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2884">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2884</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
12	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2375">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2375</a>	José Mindlin	Há indicação de haver ex-líbris do Museu Paulista, mas não foi localizado no item digital
13	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2953">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2953</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
14	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2943">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2943</a>	José Mindlin	Não
15	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2958">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2958</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não

16	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2960">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2960</a>	Não	Não
17	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2716">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2716</a>	José Mindlin	Não
18	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2732">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2732</a>	José Mindlin	Não
19	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2765">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2765</a>	João Marinho	Não
20	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2749">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2749</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
21	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2860">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2860</a>	José Mindlin	Não
22	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2776">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2776</a>	Não	Não
23	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2843">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2843</a>	Corrêa Neves	Não
24	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2878">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2878</a>	José Mindlin	Não
25	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2862">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2862</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
26	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2833">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2833</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
27	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2895">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2895</a>	José Mindlin	Não
28	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2903">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2903</a>	José Mindlin	Não
29	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2915">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2915</a>	Rubens Borba de Moares e José Mindlin	Não
30	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2535">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2535</a>	José Mindlin	Não
31	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1934">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1934</a>	José Mindlin	Não
32	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2246">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2246</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
33	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2632">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2632</a>	José Mindlin	Não
34	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2386">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2386</a>	João Marinho e José Mindlin	Não
35	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2549">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2549</a>	Não	Não
36	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2645">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2645</a>	José Mindlin	Não
37	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2626">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2626</a>	José Mindlin	Não
38	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2637">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2637</a>	Não	Não
39	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2640">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2640</a>	Rubens Borba de Moares e José Mindlin	Não
40	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2633">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2633</a>	José Mindlin	Não
41	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2097">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2097</a>	José Mindlin	Não
42	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/704">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/704</a>	Livraria de Palha, Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
43	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/859">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/859</a>	Não	Não
44	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/846">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/846</a>	Não	Não
45	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/754">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/754</a>	José Mindlin	Não
46	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1971">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1971</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
47	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1261">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1261</a>	José Mindlin	Não
48	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1633">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1633</a>	Rubens Borba de Moraes	Não

49	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1935">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1935</a>	José Mindlin	Não
50	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2245">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2245</a>	Possui retrato de Augusto de Carvalho e assinatura de Augusto de Carvalho	Não
51	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1847">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1847</a>	Elysio de Carvalho e José Mindlin	Não
52	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1871">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1871</a>	Não	Não
53	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1931">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1931</a>	José Mindlin	Não
54	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1359">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1359</a>	José Mindlin, carimbo não identificado e carimbo da real sociedade portuguesa de beneficência de Campinas	Não
55	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/703">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/703</a>	José Mindlin	Não
56	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/701">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/701</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
57	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/722">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/722</a>	José Mindlin	Não
58	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1618">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1618</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
59	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1597">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1597</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
60	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1599">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1599</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
61	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/683">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/683</a>	José Mindlin	Não
62	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/924">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/924</a>	José Mindlin	Não
63	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1577">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1577</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
64	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1513">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1513</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
65	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1236">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1236</a>	Não	Não
66	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1194">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1194</a>	Não	Não
67	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1588">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1588</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
68	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1596">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1596</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
69	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2662">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2662</a>	etiqueta afixada no verso da capa sem identificação	Não
70	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2656">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2656</a>	Não	Não
71	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2658">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2658</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
72	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2665">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2665</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
73	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2697">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2697</a>	José Mindlin	Não
74	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2686">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2686</a>	Não	Não
75	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2766">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2766</a>	Não	Não
76	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2390">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2390</a>	Ricardo Xavier da Silveira, Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
77	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2388">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2388</a>	etiqueta manuscrita sem identificação	Não
78	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2622">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2622</a>	José Mindlin	Não
79	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2473">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2473</a>	José Mindlin	Não

80	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2568">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2568</a>	A. Ramel e Rubens Borba de Moraes	Não
81	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2621">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2621</a>	José Mindlin	Não
82	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2608">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2608</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
83	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4497">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4497</a>	Não	Não
84	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7808">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7808</a>	A. de Cavalcanti e José Mindlin	Sim - A. de Cavalcanti
85	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7759">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7759</a>	Não	Não
86	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7763">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7763</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
87	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/94">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/94</a>	José Mindlin e assinatura de Clemente Sampaio	Não
88	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/100">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/100</a>	Não	Não
89	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/330">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/330</a>	Não	Não
90	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/269">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/269</a>	José Mindlin	Não
91	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/337">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/337</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
92	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/403">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/403</a>	José Mindlin	Não
93	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/386">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/386</a>	Não	Não
94	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/374">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/374</a>	Não	Não
95	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/355">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/355</a>	José Mindlin	Não
96	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/434">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/434</a>	José Mindlin	Não
97	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/481">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/481</a>	José Mindlin	Não
98	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/528">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/528</a>	Não	Não
99	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/531">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/531</a>	José Mindlin	Não
100	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/485">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/485</a>	José Mindlin	Não
101	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/417">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/417</a>	Jacques Renout e José Mindlin	Não
102	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/505">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/505</a>	José Mindlin	Não
103	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/544">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/544</a>	José Mindlin	Não
104	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/223">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/223</a>	José Mindlin	Não
105	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/213">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/213</a>	José Mindlin	Não
106	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7827">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7827</a>	Não	Não
107	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/36">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/36</a>	José Mindlin	Não
108	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7815">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7815</a>	José Mindlin	Sim, de exemplar diferente
109	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/86">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/86</a>	Não	Não
110	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7775">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7775</a>	Alfredo Pujol e José Mindlin	Não
111	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7807">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7807</a>	Não	Sim, de exemplar diferente
112	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7810">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7810</a>	José Mindlin	Sim, de exemplar diferente

113	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7806">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7806</a>	Hominis A. Mello e José Mindlin	Sim - Hominis A. Mello
114	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7777">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7777</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
115	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/106">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/106</a>	José Mindlin	Não
116	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/118">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/118</a>	José Mindlin	Não
117	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7813">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7813</a>	José Mindlin	Não
118	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7799">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7799</a>	José Mindlin	Não
119	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7830">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7830</a>	José Mindlin	Não
120	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/285">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/285</a>	José Mindlin	Não
121	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/328">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/328</a>	Não	Não
122	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7848">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7848</a>	Alvaro Moreyra	Não
123	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7847">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7847</a>	José Mindlin	Não
124	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7849">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7849</a>	Não	Não
125	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7855">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7855</a>	José Mindlin	Não
126	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/241">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/241</a>	José Mindlin	Não
127	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7850">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7850</a>	Não	Não
128	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/239">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/239</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
129	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7854">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7854</a>	Cecília Barbosa de Moura, José Mindlin e etiqueta sem identificação no início	Sim - Cecília Barbosa de Moura
130	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/276">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/276</a>	José Mindlin	Não
131	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/304">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/304</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
132	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/273">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/273</a>	José Mindlin	Não
133	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7834">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7834</a>	José Mindlin	Não
134	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7832">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7832</a>	Não	Não
135	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/341">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/341</a>	Não	Não
136	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/546">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/546</a>	Carimbo Dolivaes Nunes	Não
137	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/575">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/575</a>	Não	Não
138	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/585">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/585</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
139	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/670">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/670</a>	José Mindlin	Não
140	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/607">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/607</a>	José Mindlin	Não
141	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/588">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/588</a>	José Mindlin	Não
142	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/658">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/658</a>	Alfredo Pujol	Não
143	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/700">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/700</a>	Rubens Borba de Moares e José Mindlin	Não
144	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7774">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7774</a>	José Mindlin	Não
145	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5273">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5273</a>	José Mindlin	Não

146	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7784">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7784</a>	etiqueta da Bibliotheca Celso Bayma	Não
147	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7783">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7783</a>	Elysio de Carvalho e José Mindlin	Sim - Elysio de Carvalho
148	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7772">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7772</a>	Não	Não
149	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/34">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/34</a>	José Mindlin	Não
150	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/33">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/33</a>	José Mindlin	Não
151	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3859">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3859</a>	José Mindlin	Não
152	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3828">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3828</a>	Não	Não
153	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3861">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3861</a>	José Mindlin	Não
154	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3863">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3863</a>	Não	Não
155	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3862">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3862</a>	Não	Não
156	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3843">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3843</a>	José Mindlin	Não
157	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3839">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3839</a>	Não	Não
158	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3853">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3853</a>	Não	Não
159	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3873">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3873</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
160	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3916">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3916</a>	José Mindlin	Não
161	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3921">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3921</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
162	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3901">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3901</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
163	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3922">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3922</a>	José Mindlin	Não
164	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3913">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3913</a>	Rubens Borba de Moares	Não
165	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3920">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3920</a>	Não	Não
166	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3937">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3937</a>	Não	Não
167	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3939">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3939</a>	Astério de Campos	Não
168	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3942">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3942</a>	Não	Não
169	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4818">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4818</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
170	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3038">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3038</a>	José Mindlin	Não
171	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3121">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3121</a>	Não	Não
172	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3088">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3088</a>	Não	Não
173	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3961">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3961</a>	Não	Não
174	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3972">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3972</a>	Não	Não
175	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3973">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3973</a>	Não	Não
176	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3958">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3958</a>	Não	Não
177	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3967">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3967</a>	Não	Não
178	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3965">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3965</a>	José Mindlin	Não

179	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3978">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3978</a>	Não	Não
180	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3980">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3980</a>	José Mindlin	Não
181	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4015">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4015</a>	Museu Imperial e José Mindlin	Não
182	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4012">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4012</a>	José Mindlin	Não
183	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4014">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4014</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
184	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3925">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3925</a>	José Mindlin	Não
185	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3940">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3940</a>	José Mindlin	Não
186	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/4036">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/4036</a>	José Mindlin	Não
187	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4002">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4002</a>	José Mindlin	Não
188	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4000">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4000</a>	João Marinho e José Mindlin	Não
189	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4056">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4056</a>	Não	Não
190	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4051">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4051</a>	Não	Não
191	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4054">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4054</a>	Não	Não
192	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3130">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3130</a>	José Mindlin	Não
193	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3155">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3155</a>	Alfredo Pujol, Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
194	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3858">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3858</a>	José Mindlin	Não
195	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3860">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3860</a>	José Mindlin	Não
196	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3852">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3852</a>	José Mindlin	Não
197	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3847">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3847</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
198	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3043">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3043</a>	José Mindlin	Não
199	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3057">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3057</a>	José Mindlin	Não
200	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3814">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3814</a>	Não	Não
201	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3807">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3807</a>	Não	Não
202	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/4035">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/4035</a>	Não	Não
203	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3957">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3957</a>	Não	Não
204	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3968">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3968</a>	Não	Não
205	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3946">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3946</a>	Não	Não
206	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3865">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3865</a>	José Mindlin	Não
207	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3866">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3866</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
208	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3969">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3969</a>	José Mindlin	Não
209	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4086">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4086</a>	José Mindlin	Não
210	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4095">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4095</a>	José Mindlin	Não
211	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4066">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4066</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não

212	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4166">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4166</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
213	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4164">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4164</a>	Não	Não
214	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4165">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4165</a>	Não	Não
215	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4147">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4147</a>	José Mindlin	Não
216	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4157">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4157</a>	Carimbo da Bibliotheca de Valentina Guimarães	Não
217	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4155">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4155</a>	Alfredo Pujol	Não
218	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4125">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4125</a>	José Mindlin	Não
219	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4133">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4133</a>	José Mindlin	Não
220	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4135">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4135</a>	José Mindlin	Não
221	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4131">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4131</a>	José Mindlin	Não
222	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4128">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4128</a>	José Mindlin	Não
223	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4132">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4132</a>	José Mindlin	Não
224	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4163">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4163</a>	Ex-líbris CL	Não
225	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4162">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4162</a>	Não	Não
226	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4160">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4160</a>	Ex-líbris CL	Não
227	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4156">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4156</a>	José Mindlin	Não
228	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4161">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4161</a>	Olyntho Sanmartin	Não
229	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4158">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4158</a>	Não	Não
230	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4168">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4168</a>	José Mindlin	Não
231	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4167">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4167</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
232	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3975">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3975</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
233	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3996">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3996</a>	Não	Não
234	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3989">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3989</a>	José Mindlin	Não
235	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3993">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3993</a>	João Marinho e José Mindlin	Não
236	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3992">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3992</a>	Olyntho SanMartin e José Mindlin	Não
237	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3995">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3995</a>	Não	Não
238	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3994">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3994</a>	Não	Não
239	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3997">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3997</a>	José Mindlin	Não
240	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4024">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4024</a>	etiqueta Staudt e José Mindlin	Não
241	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4003">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4003</a>	José Mindlin	Não
242	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4018">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4018</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
243	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3984">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3984</a>	José Mindlin	Não
244	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3974">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3974</a>	Não	Não

245	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3986">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3986</a>	José Mindlin	Não
246	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3982">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3982</a>	José Mindlin	Não
247	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3987">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3987</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
248	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3983">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3983</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
249	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3988">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3988</a>	José Mindlin	Não
250	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3977">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3977</a>	José Mindlin	Não
251	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3014">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3014</a>	José Mindlin	Não
252	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3079">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3079</a>	Não	Não
253	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3811">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3811</a>	José Mindlin	Não
254	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3804">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3804</a>	Não	Não
255	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3806">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3806</a>	Não	Não
256	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3831">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3831</a>	Não	Não
257	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3830">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3830</a>	José Mindlin	Não
258	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3833">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3833</a>	Francisco Marques dos Santos e José Mindlin	Não
259	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3834">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3834</a>	José Mindlin	Não
260	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3024">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3024</a>	Alfredo de Carvalho e José Mindlin	Não
261	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3159">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3159</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
262	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3802">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3802</a>	Não	Não
263	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3827">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3827</a>	Rubens Borba de Moares	Não
264	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3020">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3020</a>	José Mindlin	Não
265	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3028">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3028</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
266	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3810">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3810</a>	Não	Não
267	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3805">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3805</a>	Não	Não
268	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3813">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3813</a>	Não	Não
269	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3815">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3815</a>	Não	Não
270	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3816">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3816</a>	Não	Não
271	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3821">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3821</a>	Não	Não
272	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3904">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3904</a>	M. L. de Oliveira Filho	Não
273	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4103">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4103</a>	José Mindlin	Não
274	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4107">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4107</a>	José Mindlin	Não
275	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4110">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4110</a>	Ex-líbris CL	Não
276	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4109">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4109</a>	Não	Não
277	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4105">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4105</a>	José Mindlin	Não

278	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4108">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4108</a>	José Mindlin	Não
279	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4068">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4068</a>	Não	Não
280	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4076">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4076</a>	Não	Não
281	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4073">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4073</a>	Não	Não
282	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4075">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4075</a>	Não	Não

1900			
	Endereço do item	Possui ex-líbris de	Contém referência na nota local
1	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1722">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1722</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
2	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1296">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1296</a>	Não	Não
3	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/315">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/315</a>	José Mindlin	Não
4	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3871">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3871</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
5	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3908">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3908</a>	José Mindlin	Não
6	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4001">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4001</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
7	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3160">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3160</a>	José Mindlin	Não
8	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4029">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4029</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
9	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4811">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4811</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
10	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4915">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4915</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
11	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4833">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4833</a>	José Mindlin	Não
12	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4683">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4683</a>	Não	Não
13	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5024">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5024</a>	Rubens Borba de Moraes	Não
14	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5147">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5147</a>	Não	Não
15	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5112">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5112</a>	José Mindlin	Não
16	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1365">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1365</a>	Não	Não
17	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5372">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5372</a>	Fernando Guedes Galvão e José Mindlin	Não
18	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5001">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5001</a>	Rubens Borba de Moraes e José Mindlin	Não
19	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7528">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7528</a>	Não	Não
20	<a href="https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7508">https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7508</a>	José Mindlin	Não